



S e m p r e  
c h e g a m o s  
a o s í t i o  
a o n d e n o s  
e s p e r a m .

José Saramago

**FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO  
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION  
CASA DOS BICOS**

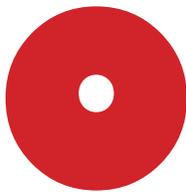
**Segunda a Sexta  
Monday to Friday  
10 às 18 horas  
10 am to 6 pm**

**Sábado  
Saturday  
10 às 14 horas  
10 am to 2 pm**

**ONDE ESTAMOS  
WHERE TO FIND US  
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa  
Tel: (351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)  
[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)**

**COMO CHEGAR  
GETTING HERE  
Metro Subway  
Terreiro do Paço  
(Linha azul  
Blue Line)  
Autocarros Buses  
25E, 206, 210,  
711, 728, 735, 746,  
759, 774,  
781, 782, 783, 794**

## Mali em Paris

 fotógrafo Gabriel Magnesio assina um dos mais recentes 'Portafolios gráficos' da revista colombiana *El Malpensante*. «Jornada de un inmigrante africano en París» acompanha o quotidiano de Mamadou, um maliano que vive em Paris há mais de uma década, trabalhando como lavador de pratos num restaurante perto do Louvre. O texto que acompanha as fotografias descreve o complicado processo de chegada, regularização da situação e trabalho por que Mamadou, à semelhança de tantos imigrantes, passou, e regista a sua vida diária entre a pequena casa que partilha com um primo e a cozinha do restaurante: «Al final de la jornada, mientras Mamadou y los demás empleados terminan el aseo del restaurante, la vida nocturna del sector apenas comienza.

En este barrio, no vive ni nace nadie. Centros culturales y vitrinas duermen en edificios de arquitectura hausmaniana. También hay infinidad de parqueaderos, clubes privados y discotecas exclusivas, como Le Cab, a donde se trasladan muchos de los comensales que han salido del restaurante, lejos de Mamadou y Latish, para seguir la fiesta hasta la madrugada.» Quando regressa à sua aldeia natal, uma vez por ano e se as poupanças o permitirem, Mamadou confirma que os discursos de igualdade e fraternidade poucas vezes encontram na realidade o espaço tão harmonioso que parecem ter em todos os papéis impressos: «Al viajar a Bamako, Mamadou es tratado como un malí de París, con respeto. Al volver a Francia, Mamadou es un negro más, un lavaplatos, un esclavo del mundo moderno.»

➔ Mali

Gabriel Magnesio



## Xenofobia com diploma médico

**A** história circulou em vários jornais brasileiros: o Brasil tem uma notória falta de médicos no serviço público, sobretudo nas zonas do interior, e para colmatar a falha o governo federal criou o programa Mais Médicos, onde qualquer profissional da medicina se podia inscrever. Nenhum médico brasileiro se inscreveu e o governo aceitou outras inscrições, nomeadamente de médicos cubanos. Quando estes médicos começaram a chegar ao Brasil para iniciarem o seu trabalho, foram recebidos por médicos brasileiros que, num gesto de inconfundível xenofobia, os insultaram, lhes disseram para regressarem ‘para a sua terra’ e os acusaram de estarem a ‘roubar empregos’. Sobre esse episódio, ainda a decorrer, escreve a jornalista portuguesa Alexandra Lucas Coelho, numa crónica da série «Atlântico Sul» (jornal *Público* de 1 de setembro). O título, «Somos todos cubanos», é o primeiro contributo para desmontar o discurso xenófobo dos médicos brasileiros que assumiram tal atitude, mas o texto desmonta igualmente as condições de trabalho que se oferecem, o funcionamento do sistema público e a falsa alternativa do privado, bem como o argumentário político: «Estes 400 médicos cubanos, que serão 4000 quando o programa estiver completo, não vêm tirar trabalho a nenhum brasileiro, e vão salvar vidas brasileiras, remotas e invisíveis. Só isso já devia travar o despudor daqueles que os insultam ou olham com sobranceria. Quem tem algo contra o regime de onde esses médicos vêm e o governo que os traz podia ir para a rua dia 7 de setembro, dia da Independência do Brasil. Com tantas manifestações marcadas seria mais uma, questionando o regime de Havana, por melhores condições para os médicos cubanos e uma outra política de saúde no Brasil. Um bom lema para isso é: somos todos médicos cubanos.»

➔ **Cubanos**

## Al Jazeera para ler no ecrã

**H**á um ano, o canal de televisão Al Jazeera decidiu expandir os seus meios de comunicação à escala global. Para além das emissões televisivas, que podem ser acompanhadas através da televisão por cabo ou da internet, o trabalho jornalístico da Al Jazeera passou a poder ser lido numa revista digital – e de distribuição gratuita – que o canal disponibiliza para leitura nos dispositivos Apple e Android. Em inglês, a *Al Jazeera Magazine* oferece números temáticos com conteúdos elaborados expressamente para a revista, incluindo igualmente alguns trabalhos que resultam de reportagens ou documentários que já tiveram exibição televisiva. As edições mais recentes foram dedicadas à Europa, à Turquia e ao corpo, sempre cruzando textos jornalísticos com fotografias, vídeos e infografias bem elaboradas. O número mais recente, de setembro, tem como tema «Notes from the field» e agrupa textos cujo ponto de vista acabou por não encontrar o seu espaço no alinhamento noticioso, ficando para trás em detrimento de ângulos e abordagens mais pertinentes tendo em conta a necessidade de dar a ver a atualidade. Das tentativas de implementar a democracia no espaço de uma aldeia chinesa aos conflitos diários em Myanmar, passando pela crise do jornalismo nos Estados Unidos da América, pela instabilidade em Caxemira ou pelo Congo, «Notes from the field» é uma boa abordagem ao que pode ser o trabalho jornalístico feito com rigor e qualidade e sem os condicionalismos de espaço e a urgência da atualidade mais imediata. Distinguida com um Webby Award em maio deste ano, a *Al Jazeera Magazine* parece estar a traçar um caminho de excelência em direção ao que pode ser o melhor do jornalismo em suporte digital. Pena não ser de leitura acessível em qualquer computador.

➔ **Al Jazeera**

### A memória de Allende

**N**o dia 11 de setembro, o mundo assinalou a passagem de mais um ano sobre o bárbaro ataque às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, mas parte dele assinalou igualmente os 40 anos do golpe militar que derrubou o governo democraticamente eleito de Salvador Allende, no Chile. Não há relação entre as duas efemérides, mas não deixa de ser importante manter a memória da mais antiga, até porque a mais recente motiva mais discussões sobre a natureza da democracia do que o barulho mediático à sua volta leva a crer. Num artigo publicado no *El País*, Ricardo Lago lembra o projeto político de Allende e o modo como o golpe militar o arrasou, instaurando no país uma ditadura, comandada por Augusto Pinochet, que deixaria atrás de si um rasto de perseguições, torturas e mortes ainda hoje bem visível.

«Allende vive su tiempo diciendo que la izquierda debe luchar por los cambios respetando la Constitución y las leyes —lo afirma en sus últimas palabras— a la vez que transformándolas para dar garantías a todos. Pero también debe saber oír el sentido de las demandas mayoritarias del pueblo. Por eso levantó su voz cuando los tanques entraron a Budapest en 1956 o en Praga en 1968, poniendo fin a aquella primavera», diz Ricardo Lago. Não há como saber se esta atitude teria prevalecido à medida que a História fosse caminhando, nem que conquistas ou dissabores teria experimentado Allende no seu projeto de fazer do Chile um país onde a igualdade e a liberdade convivessem sem conflito, mas há como não esquecer aquilo que se conhece dessa caminhada e, sobretudo, lembrar o modo como foi abruptamente interrompida, à força, fazendo de Salvador Allende a primeira de muitas vítimas que a memória coletiva há de guardar.

⇒ Chile



## Contos com nervo

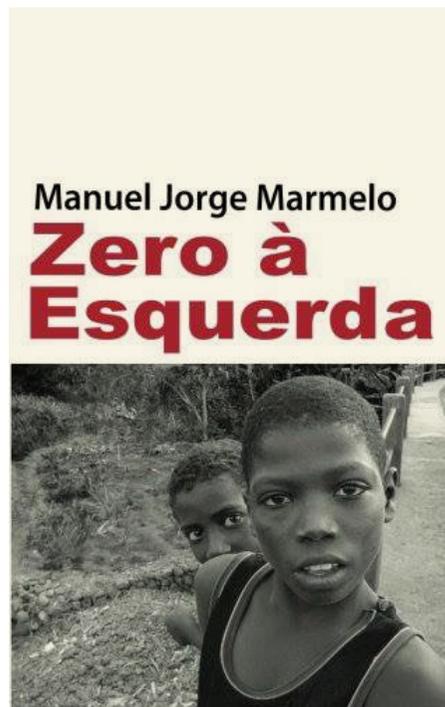
**P**ara além dos dois romances publicados nos últimos dois anos, *Uma Mentira Mil Vezes Repetida* (2011) e *Somos Todos um Bocado Ciganos* (2012), Manuel Jorge Marmelo tem visto a sua obra mais antiga reeditada pela Quetzal. Talvez porque o mercado livreiro tende a não deixar os livros respirarem nos escaparates, privilegiando a rapidez com que os volumes passam pelas estantes e relegando-os (logo depois de se confirmar que, ou são *bestsellers*, ou não têm espaço) para um limbo de onde é difícil resgatá-los, outros projetos do autor preferiram a lentidão de processos diferentes de edição e divulgação. Há alguns meses, as *Crônicas do Autocarro* saíram do blog do autor (<http://teatro-anatomico.blogspot.pt/>) para uma edição em papel e digital, permitindo que as pequenas histórias que foi publicando ao longo de três anos se transformassem num *corpus* coerente e passível de ser apreendido como um todo. Agora são os vários contos que estavam dispersos por publicações avulsas ou inéditos que se veem reunidos num volume, *Zero à Esquerda*, editado pelo próprio autor (e não vale a pena tentar as livrarias; melhor será recorrer à Amazon, por muito que o gesto custe a quem prefere a conversa com um livreiro de carne, osso e sabedoria).

Parte considerável destes contos têm o seu epicentro em Cabo Verde, espaço que confere cenário mas que é, acima de tudo, lugar primordial de onde nascem as narrativas aqui reunidas. Marmelo coloca na escrita uma imaginação pro-

digiosa, juntando a arte de contar boas histórias a um cuidado notório no trabalho da linguagem. As suas personagens nunca são planas, cruzando maleitas emocionais, desejos e alguma loucura com o reflexo do tempo e do lugar onde vivem – mesmo quando estão obcecadas por outros tempos e outros lugares. As marcas da oralidade, visíveis no crioulo cabo-verdiano falado por várias personagens, mas igualmente nos vocativos certos, no calão ou numa coloquialidade bem cons-

truída, contribuem largamente para esta verosimilhança constante, mas é a paisagem cerebral e emocional de cada personagem e o modo como esta paisagem interage com o cenário e o tempo que a rodeia que conferem à escrita do autor a qualidade e a originalidade que se lhe reconhece.

A unidade de um livro de contos nem sempre é bem conseguida e em *Zero à Esquerda* nota-se algum contraste entre os contos que têm Cabo Verde como cenário e os outros, dispersos ou inéditos e não escritos com o propósito de integrarem um mesmo volume. Percebe-se, no entanto, a junção de todos estes contos num só livro: num país em que as editoras arriscam tão pouco na publicação de contos, o autor editou-se a si próprio, oferecendo a produção contística disponível aos leitores. Quem conhece o valor do trabalho literário de Manuel Jorge Marmelo só pode agradecer o gesto e pensar que em vez de um livro mais curto e unitário no que ao tema diz respeito, tem aqui um exemplo heterogéneo capaz de provar de muitos modos que mais vale esquecer os escaparates de *bestsellers* e dedicar o tempo de leitura a autores com nervo, estilo e alguma loucura na escrita. **Sara Figueiredo Costa**



**Manuel Jorge Marmelo**  
**Zero à Esquerda**  
Edição do autor

Coelho de Carvalho

**Viagens. Madrid, Barcelona, Nice, Mónaco**Livraria de António Maria Pereira, 1888  
Comprado na Festa do Avante (5 euros)

**O**rganizada há 38 anos pelo Partido Comunista Português, a Festa do Avante tem conseguido manter-se como um espaço que sabe receber gente de outras filiações políticas (ou de nenhuma) e onde a vertente partidária acaba por ser bem equilibrada com as outras características da festa, nomeadamente o programa musical, o teatro e o cinema, o artesanato e a gastronomia, a ciência e o desporto. Assim, não é estranho ver milhares de visitantes deambulando pelos muitos espaços montados na Quinta da Atalaia enquanto o núcleo duro do PCP se reúne frente no palco principal para o discurso do seu secretário-geral. Foi assim que se encontrou este volume, datado de 1888 e editado pela Livraria António Maria Pereira (atual Parceria A. M. Pereira), por entre os muitos livros amarelecidos que se encontravam para venda num espaço batizado de ‘Colecionadores’, onde também se vendiam, num balcão lateral, pratos com o rosto de Lenine, copos com a foice e o martelo, pins do tempo do PREC e alguma *memorabilia* soviética.

Joaquim José Coelho de Carvalho foi um diplomata português que exerceu funções de Cônsul em Huelva no início do século XX. Foi, para além disso, reitor da Universidade de Coimbra e Presidente da Academia das Ciências. O livro *Viagens. Madrid, Barcelona, Nice, Mónaco*, escrito sob a forma de cartas destinadas ao poeta Cesário Verde, reflete a sua carreira profissional, revelando interesses culturais, relações pessoais e uma cultura geral vasta, mas reflete sobretudo o seu deslumbramento perante o movimento da viagem e a possibilidade de o partilhar com outrem.



Muitos dos lugares descritos neste livro estão, hoje, profundamente mudados, e o mesmo se pode dizer dos hábitos quotidianos das pessoas que os habitam. Também por isso a leitura deste livro se reveste de interesse, porque permite aceder a um retrato possível de um tempo não tão distante do nosso, mas tão diferente em tantos aspetos que seria difícil para o autor reconhecê-lo nos dias de hoje.

Descontadas as marcas do idioleto culto da época, Coelho de Carvalho não deixa de oferecer uma escrita rebuscada no estilo e barroca nos ornamentos. Apesar desse lastro que hoje soa a artificialidade, o texto de *Viagens*.

*Madrid, Barcelona, Nice, Mónaco* junta à descrição da viagem várias anotações do autor sobre literatura, pintura (sobretudo no Museu do Prado, onde comenta longamente alguns quadros e onde fala sobre pintores da sua preferência, nomeadamente Velazquez), gastronomia ou língua (o catalão, em Barcelona). Das grandes avenidas de Madrid às salas de jogo do Mónaco, nenhum lugar é, neste livro, apenas a sua descrição e o rol de atividades mais ou menos prazenteiras a que o autor aí se entregou. Em muitos momentos do livro, a viagem é o pretexto que permite ao autor longas divagações sobre memórias de outros lugares, alguns deles relacionados com a sua infância, o que acrescenta interesse à prosa, na medida em que a afasta da enumeração dos lugares visitados e, até, da descrição pormenorizada de paisagens e espaços, para a colocar naquele limbo emocional que cruza memória e presente com a certeza de que em momento algum deixam de ser feitos da mesma matéria. **Sara Figueiredo Costa**

# GRANTA

PORTUGAL | 2

## GRANTA 2: «PODER»

# ASSINE COM 25% DE DESCONTO

DIRECÇÃO DE  
CARLOS VAZ MARQUES

REVISTA SEMESTRAL  
NOVEMBRO | MAIO



[WWW.FACEBOOK.COM/GRANTAPORTUGAL](http://WWW.FACEBOOK.COM/GRANTAPORTUGAL)

Quilómetros

**Sara Figueiredo Costa**

40 anos de

resistência

## culsete

Este é o ano em que a Livraria Culsete, em Setúbal, assinala quarenta anos de atividade. A data, redonda como convém às comemorações, reveste-se de importância óbvia para a cidade, na medida em que a livraria foi, desde o início, um polo muito importante na dinamização da vida cultural setubalense. No entanto, a importância da efeméride não é apenas local, não só porque a dedicação dos livreiros Manuel Medeiros e Fátima Ribeiro de Medeiros é merecedora de reconhecimento generalizado no meio livreiro, mas também porque o facto de uma livraria independente continuar a fazer o seu trabalho numa altura em que as notícias do encerramento de livrarias são frequentes é motivo suficiente para repensar a importância de espaços como este e para alimentar alguma esperança no futuro do comércio de livros.

Fundada em 1973, a Culsete é descendente de uma cooperativa livreira fundada por Manuel Medeiros na sequência de um projeto de dinamização sócio-cultural da zona de Setúbal. Um ano antes do 25 de Abril, tendo a cooperativa sobrevivido à intervenção da PIDE e ao desmantelamento de tantos projetos editoriais e culturais pela mão do governo, a Culsete é refundada como livraria e inicia a longa caminhada que a trará ao presente.

As estantes que forram as paredes da Culsete confirmam ao primeiro olhar que esta não é uma livraria como a maioria das que hoje ocupam centros comerciais ou espaços bem localizados e or-



Luís Ricardo Duarte

## culsete

ganizados de um modo muito semelhante ao de um hipermercado, com as novidades em destaque e dominando absolutamente os escaparates e com as áreas temáticas localizadas de modo a privilegiar os assuntos mais repercutidos em redes sociais e revistas de atualidades. As novidades também lá estão, na Culsete, mas com o destaque que os livreiros acham justo, o que não retira espaço aos chamados fundos de catálogo, uma miríade de títulos com data de edição muito variável e que compõem aquilo a que poderíamos chamar o nosso património bibliográfico comum. Poesia, história, estudos literários, ensaio sobre temas vários, livros infantis e juvenis, álbuns, temas setubalenses, tudo se organiza em prateleiras que não tiveram de passar pelas mãos de nenhuma empresa de imagem para parecerem aconchegantes e antigas, porque o são, realmente, com aquela patine que só o tempo e o uso conhecedor conseguem conferir a um móvel carregado de livros.

Um dos pilares essenciais da Culsete, à semelhança da maioria das livrarias independentes que ainda sobrevivem, tem sido o atendimento personalizado. Estar disponível para os clientes, saber sugerir-lhes livros, conhecer-lhes os gostos e os interesses, tudo isso permitiu cimentar relações entre quem compra livros e quem os vende. Numa livraria com 40 anos de atividade, essas relações atravessaram gerações e isso percebe-se quando se passa



**Luís Ricardo Duarte**

## culsete

algumas horas na Culsete, frequentada por setubalenses de todas as idades. Para isso também contribuíram as muitas atividades que os livreiros ali foram organizando, desde os lançamentos de livros com a presença dos autores até às sessões de leitura para os mais novos, os debates e as tertúlias por onde já passaram muitas dezenas de escritores, ilustradores, jornalistas, professores, editores e profissionais de várias áreas.

**E**m 2010, pela mão de Manuel Medeiros e Luís Guerra, nascia o Encontro Livreiro, um espaço idealizado como ponto de debate e partilha entre todas as pessoas que, de um modo profissional ou não, se relacionem com os livros. Anfitrião esmerado, Manuel Medeiros tem recebido anualmente livreiros, editores, jornalistas, autores e leitores que durante uma tarde se instalam na Culsete para discutirem o que bem entenderem. Outras livrarias do país começaram, entretanto, a organizar encontros semelhantes, reunindo quem vive mais longe de Setúbal e quer, ainda assim, associar-se àquilo que começa a parecer um movimento. Neste âmbito, e porque o livreiro da Culsete acredita que é importante valorizar aqueles que diariamente fazem contas à vida para continuarem de portas abertas a exercerem o ofício que melhor conhecem e de que mais gostam, foi criado o diploma Livreiro da Esperança, que já distinguiu Jorge Figueira de Sousa (falecido há



Sara Figueiredo Costa

## culsete

um ano), da Livraria Esperança, no Funchal, e os livreiros Caroline Tyssen e Duarte Nuno Oliveira, da Galileu, em Cascais. Este ano, e sem que nenhum dos livreiros da Culsete tivesse conhecimento, o Encontro Livreiro deixou Manuel Medeiros e Fátima Ribeiro de Medeiros de lado por algumas tardes e decidiu homenageá-los com um Diploma Livreiro da Esperança especial, assinalando os 40 anos da sua casa de sempre. Ao diploma seguiu-se uma carta de homenagem que está à subscrição do público [declaração de interesses: a jornalista que assina este texto é subscritora dessa mesma carta] e que pretende tornar mais reconhecida a homenagem que as tais 'gentes do livro' sempre souberam ser merecida.

**E**m julho passado, a Culsete organizou um almoço comemorativo dos seus 40 anos e as presenças acabaram por ser um retrato da atividade da livraria e da dedicação dos seus livreiros. À mesa, gente de todas as idades partilhou histórias passadas na Culsete. Houve quem tivesse confessado que nem gostava muito de ler, mas que passou a gostar porque um pai ou uma mãe insistiram nas visitas à livraria e acabaram por instalar a vontade de ler sem que nenhum programa escolar tenha tido tempo de dizer que era obrigatório. Também se contaram episódios em que alguém passou pela livraria só para ver as novidades e acabou por passar longas horas à conversa com Manuel Medeiros,



**Luís Ricardo Duarte**

## culsete

acabando por levar livros que não conhecia em vez daqueles que lá ia comprar. E nem só gente de Setúbal compareceu à chamada. De muitos pontos do país chegaram leitores, editores, outros livreiros, autores, pessoas a quem Manuel Medeiros gosta de chamar ‘a gente dos livros’, assim, sem distinção de profissão ou experiência.

**F**oram precisos mais do que os quarenta anos de atividade para assegurar presenças tão variadas e as comemorações deste ano confirmam isso mesmo. A arruada de livros que ocupou o passeio da Avenida 22 de Dezembro, em frente à livraria, os debates e os encontros que já decorreram ou a exposição que abriu este mês na Casa da Cultura de Setúbal, organizada por José Teófilo Duarte e com imagens que registam as quatro décadas de actividade da casa, têm reunido muitas pessoas de origens, formações e interesses diversos. Não é apenas a idade que dá à Culsete o respeito com que tantos a tratam, mas antes a dedicação dos seus livreiros e um trabalho continuado e sempre atento àquilo que parece formar o coração de uma livraria: um fundo bem escolhido e conhecido por quem vende os livros, a atenção constante aos clientes, a vontade de inovar e, muitas vezes, de arriscar. Não é um negócio fácil, como confirmará qualquer livreiro deste país, mas é, sobretudo, muito mais do que um negócio.

### Leituras

**Blog do Encontro Livreiro:** <http://encontrolivreiro.blogspot.pt/>



**Luís Ricardo Duarte**

**Manuel  
Medeiros,  
um 'livreiro  
velho'  
de olhos  
postos no  
futuro**

**Fotografias de Fabrice Demoulin**



A entrevista que aqui se publica não é inédita. Foi publicada pela primeira vez em 2011, num portal entretanto desaparecido da internet, o *Portugal Ilustrado* (coordenado pelo jornalista Bruno Horta). A sua realização foi o resultado da insistência de Luís Guerra, que na altura trabalhava como comercial na editora Assírio & Alvim, para que esta jornalista fosse até Setúbal conhecer pessoalmente um livreiro cujo trabalho muito admirava, e da vontade de começar a entrevistar pessoas ligadas ao meio editorial e livreiro que pudessem oferecer o seu testemunho, de modo a que a discussão sobre os livros e as formas possíveis de os fazer, vender e apreciar não ficasse confinada aos protagonistas mais habituais (autores, sobretudo). A propósito dos 40 anos da Livraria Culsete, pareceu-nos que faria sentido voltar a disponibilizar o resultado desta conversa.

*Quem acredita que Lisboa é o centro do mundo, e que fora da capital não há referências da vida cultural portuguesa, nunca entrou na livraria Culsete, em Setúbal. E nunca ouviu falar de Manuel Medeiros, o seu livreiro, conhecido por todo o meio editorial como Livreiro Velho e um nome imprescindível da área do livro e da edição.*

*Açoriano de nascimento e setubalense por adoção, Manuel Medeiros conhece bem o ofício a que se dedica com visível paixão. Nos últimos anos, essa dedicação espalhou-se por outras estantes que não as da Culsete, com um empreendimento chamado Encontro Livreiro, que pretende pôr as gentes do livro, como lhes chama Manuel Medeiros, a conversar umas com as outras.*

*Quando a entrevista começa, Manuel Medeiros inverte os papéis sem aviso e começa a questionar a entrevistadora sobre a existência*

**Interessa-  
-me servir  
de espan-  
talho na  
seara, se  
os melros  
assim o  
quiserem.**

## manuel medeiros

*de debate e troca de ideias entre os críticos literários. Não é manobra de diversão, antes a genuína expressão da urgência do encontro e da partilha. A mesma urgência que o fez começar, há um ano e com a companhia de alguns cúmplices, o Encontro Livreiro – momento para discussão sobre os mundos do livro com gente de diferentes locais e interesses.*

**Como é que surge o Encontro Livreiro, que cumpriu este ano a sua segunda edição, aqui na Culsete?**

Interessa-me servir de espantalho na seara, se os melros assim o quiserem. Considero absolutamente urgente que as pessoas conversem, e essa é a importância do Encontro Livreiro, que é uma criação do Luís Guerra [comercial da Assírio & Alvim, na altura da entrevista; atualmente, integra a editora Sistema Solar]. Foi ele que escolheu chamar-lhe assim. Na primeira convocatória, eu chamei-lhe convívio, mas depois de muito trocar palavras, ficou assim. Mas o nome não passa de uma forma, para além de uma fórmula, de chegar a algum lado.

**Que lado?**

Criar um movimento de intercâmbio entre os segmentos diversos que andam metidos nisto dos livros e que são demasiado paralelos.

**As pessoas que trabalham no setor do livro encontram-se pouco?**

Muito pouco. Em todos os estádios e inclusivamente entre si, e por isso lhe perguntava, há pouco, sobre os eventuais encontros entre os críticos. No caso dos livreiros, o problema é ainda mais grave. E no caso dos autores isso também se verifica.



## manuel medeiros

*Enquanto fala, vai percorrendo o computador, onde guarda o arquivo fotográfico dos últimos anos da Culsete. Lançamentos, debates, sessões de promoção da leitura com público infantil, vários momentos de encontro que o livreiro apresenta com pormenor. Até escolher um.*

Ia-lhe mostrar a fotografia do Mário Ventura com o Baptista-Bastos e o Urbano Tavares Rodrigues, num serão que lhes fiz aqui. Os três juntos, ‘toureados’ pela Maria Lúcia Lepecki. Histórico, completamente histórico. Foi em 2003.

**Esta casa sempre foi palco de encontros importantes?**

E não só encontros, sabe? Mas isso está registado, pode ir à procura. Aliás, estive para lhe dizer que preferia não ter de precipitar esta entrevista antes de...

**Antes de eu ler os Papéis a Mais? Mas eu li e anotei. Tenho aqui comigo e tudo.**

Você é mazinha... Assim, gosto! É que eu não gosto de pessoas boas, sabe? Detesto bonzinhos. Mas então, como conto no livro que você já leu, quando começou a haver lançamentos de livros em Lisboa eu comecei a frequentá-los, para aprender. Mas de cada vez que ia desaprendia mais.

*Pausa. Entra gente que quer cumprimentar o livreiro. E entre a conversa sobre as livrarias e mais perguntas de Manuel Medeiros à entrevistadora, contam-se algumas histórias mais pessoais, que o resguardo exige que fiquem de fora. E fica claro que esta entrevista não vai ser uma entrevista, mas antes uma conversa feita de muitas histórias cruzadas, alimentada pelo interesse da entrevistadora no*

*trabalho do livreiro, mas igualmente pelo entusiasmo do livreiro perante o interesse da entrevistadora, o que quebra demasiadas regras jornalísticas e, em última análise, impede que aqui se apresente uma entrevista arrumada.*

**Nascido nos Açores, como é que vem para Setúbal, ainda por cima para abrir uma livraria?**

Eu vim parar a Setúbal quando já tinha uma porta para abrir em Benfica. Ia fazer uma rede de pequenas livrarias na periferia da Baixa. Um dia, o José Maria, meu amigo dos tempos do clero açoriano, que era professor, foi ter comigo a Lisboa e fomos almoçar ao Império. E às onze da manhã, telefona-me ele a dizer que tinha encontrado o Mário Pereira, que vivia aqui em Setúbal, e que também conhecíamos dos Açores, e se eu não me importava que ele se juntasse a nós. Lá almoçámos. E o José Maria estava envolvido com uma experiência de animação em fábricas, na periferia de Lisboa, na Robbialac, onde eu pude testar algumas ideias sobre animação cultural junto dos operários. E quando conto isso ao Mário, digo-lhe que qualquer dia ainda vou parar a Setúbal, que era uma zona tremendamente fabril nessa altura, anos 60, 70. E é ele que me fala neste projeto.

**Como é que essa conversa acaba por criar a Culsete?**

A Culsete é descendente desse tal projeto que o Mário Pereira ia apresentar para Setúbal. Depois acabei por ser eu a inventar o nome, Culdex. Em 1970 estão no auge as cooperativas livreiras que a PIDE depois vai fechar, em 1971, e esta safa-se porque foi registada como Sociedade Anónima. Às vezes parece que tenho um sexto

sentido, e como conhecia muito bem o mundo da PIDE, cheirou-me que aquilo não ia durar.

**Então, a livraria sobrevive ao encerramento das cooperativas livrarias. E depois, o que é que acontece?**

Bom, apesar de não estar como cooperativa, o espírito era esse e não havia uma gestão capaz. Às tantas, já não havia como aguentar as dívidas e tinham-se gasto 1500 contos e deviam-se outros tantos contos. E eu decidi que tomava conta das dívidas, mas sozinho. Claro que isso gerou muitas discussões e um processo penoso, mas resolveu-se. Isto é tudo em 1973. Nessa altura tive oportunidade de ir trabalhar para o Canadá, mas não me deixavam sair com o meu filho, que entretanto tinha nascido, e isso é que não! Pois se eu tinha descoberto que ser pai era a melhor coisa do mundo, não podia ser. E pronto, a revolução que eu me preparava para ir fazer, do livro português para os emigrantes, ficou-se pela ideia. E eu acabei por ficar aqui.

**E um ano depois, dá-se o 25 de Abril.**

Sim. E foi difícil suportar tudo com as dívidas às costas.

*Resolvidas muitas questões pendentes, a Culsete permaneceu. Manuel Medeiros e Fátima Ribeiro de Medeiros, sua companheira, permanecem à frente do destino de um dos locais emblemáticos da cultura setubalense.*

**A Culsete não tem apenas os livros que vemos nas grandes superfícies, as novidades e os autores do momento. Tem, igualmente, muitos fundos de catálogo, livros de pequenas editoras, colecções que já não encontramos com facilidade, apesar de não estarem esgotadas. Como é que se organiza uma livraria assim?**

**Se o editor  
não tiver  
de desembolsar 60%  
para o distribuidor,  
as coisas mudam.**

Ao longo dos anos, fiz algumas experiências a respeito de como podiam trabalhar as pequenas editoras. Por exemplo, com a Prelo experimentei a distribuição regional, e cheguei à conclusão de que não é rentável. O que é rentável é o depositário, porque não tem a despesa da distribuição. O depositário regional está perto dos vendedores que quiserem, não há perigo de empate porque ninguém pode ficar com os livros todos, e não vive disso. Com a experiência, fui percebendo que há formas de trabalhar que são fundamentais para determinado tipo de editoras, mais pequenas. E isso é importante, porque temos uma série de editoras, as chamadas independentes, fundamentais, preciosas, que acabam por se entregar na mão das distribuidoras que lhes levam tudo. Se as coisas funcionassem de outro modo, já era rentável ser livreiro.

**E não é?**

Ninguém quer ser livreiro, por duas razões. Primeira, não tem estatuto social. Segunda, porque quem se mete nisto está perdido, tem de ser um carola, sempre com as calças na mão, sem conseguir pagar aos editores.

**Mas se se resolver o problema da distribuição...**

...salta-se por cima disso. Consegue-se que ambos ganhem mais, editor e livreiro, e que os livros sejam mais baratos. Se o editor não tiver de desembolsar 60% para o distribuidor, as coisas mudam. Mas porque é que é assim? Porque toda a gente quer imitar os grandes.

*Pausa. Manuel Medeiros precisa de recuperar o fôlego, o que não o impede de andar pelas estantes à procura de livros que quer mostrar,*

*mesmo que o gravador esteja, agora, desligado. Neste intervalo forçado, falou-se de Sebastião da Gama, a propósito do primeiro volume do Diário, reeditado pela Presença, das mil e uma andanças em que o livreiro aplicou o seu tempo, em Setúbal, em Lisboa ou na Feira de Santiago, onde vendia livros ao lado das bancas de farturas, entre cabeças de gado e alfaias agrícolas, do grupo de açorianos que se junta regularmente (entre eles Onésimo Teotónio de Almeida, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt e o próprio Manuel de Medeiros) e dos projectos que Manuel Medeiros tem para o futuro.*

**Que projectos são esses que o ‘livreiro velho’ anda a preparar?**

Eu queria fazer três coisas antes de morrer, uma para Setúbal, outra para Portugal e outra para os Açores. Para Setúbal é deixar cá um banco de temas setubalenses. Um banco que viva de captar e de investir. Para os Açores, uma espécie de Gulbenkian, uma fundação que sustente, para já, duas coisas: concentrar toda a edição de açorianos ou de livros que tenham a ver com os Açores, e que possa circular pelo mundo com o apoio das casas dos Açores, e suportar uma espécie de Academia, para que a nata açoriana dispersa pelo mundo, mas que continua ligada à terra, se mantenha congregada, para que essa teia se mantenha em movimento. Para Portugal, quero deixar o Encontro Livreiro, porque faz falta para o futuro, para a nova ideia de livraria que é necessário que apareça, para a nova maneira de estar com os livros e a leitura.

**O que é que caracteriza essa nova ideia de livraria?**

Quando são devidamente valorizadas, as espécies tornam-se protegidas, cultivadas. Há séculos que precisávamos de uma cul-

## manuel medeiros

tura de livraria. E precisávamos de outra livraria, aquilo que eu gostava de fazer e que não sei se ainda vou conseguir. Até agora tenho dispersado aquilo que seria a minha livraria como se faz com o açúcar, neste caldinho que é o mundo livreiro português.

### ***E o que é a sua livraria?***

A minha livraria são as exigências de um leitor cultivado. Porque o livro banal e de ocasião encontra-se, felizmente, por tudo o que é lado. Há livros e livros. A função do livro não é unicamente a leitura. E para os livros, os outros, é necessário que continue a haver livrarias, e vai continuar. E é necessário não estarmos agarados a este conceito de livro, com folhas agrupadas, lombada e tal, porque isso não é eterno por natureza. O livro é um suporte.

### ***Não está preocupado com todo este discurso em torno do digital, da leitura do futuro, que talvez deixe de ser feita em papel?***

Nada. Pelo contrário, estou cada vez mais entusiasmado, até porque pensei que já não ia assistir a isso e ainda estou a assistir. Está a acontecer agora. Aliás, devo dizer que tenho imensa esperança em tudo isso.





**infantil e juvenil**

**andrea brites**

# Histórias da escola

Em setembro contraria-se o calendário e começa-se um novo ano. O poder de mudar o tempo é da escola, esse lugar especial e incontornável. Com um friozinho no estômago, são muitos os que atravessam os seus portões carregados de livros, medos e sonhos. Na literatura infantil e juvenil a escola tem várias faces. Há paradigmas, há estereótipos, mas há sobretudo caminhos de leitura diversos que não se opõem e até se podem vir a encontrar e mesclar.

## ● bom, o mau e o vilão

**T**om Sawyer, o clássico herói juvenil de Mark Twain, é um paradigma de rapaz rebelde, que aspira à liberdade sem limites de horários ou rotinas impostas. A pobre tia Polly acaba por sofrer mais com os castigos que lhe inflige do que ele próprio, nas suas atitudes manipulatórias. Na escola, o comportamento de Tom merece vergastadas onde calha, com incidência nas nádegas que lhe valem dores difíceis de suportar quando se senta. Mas, na verdade, é impossível ao leitor não simpatizar com o reguila sonhador, para quem o mundo é um desafio temeroso e aliciente, embora não faça

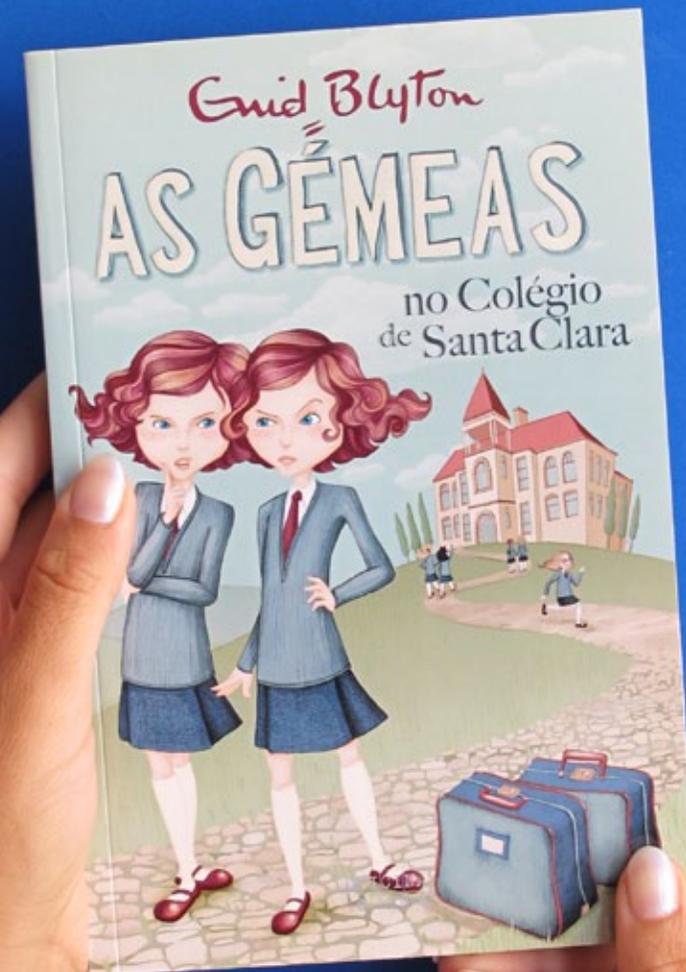


## h istórias da escola

propriamente ideia do que significa o mundo. No final das contas, Tom Sawyer reúne as características normais de um menino da sua idade, adaptadas à realidade geográfica do sul dos Estados Unidos no tempo em que viveu, o séc. XIX. Ninguém se esquece das partidas que Tom lidera e o grupo aceita pregar ao professor circunspecto e ridículo nos gestos ou na aparência. Não se questionando o conhecimento, caricatura-se a imagem física: o mestre que dormita no trono. É um recurso que, para além de cómico, reproduz uma relação distante com o professor, símbolo da sapiência e do respeito subserviente. O cómico possibilita que tamanha idealização sofra com um pouco de humanidade, obrigando o douto senhor a descer do trono e a posicionar-se ao lado dos comuns mortais.

**E**m narrativas do séc. XIX e algumas ao longo do séc XX, o professor conservava essa imagem superior e inatingível, sendo venerado e temido por pais e alunos. Só com o humor e com a progressiva democratização do ensino a caricatura passou a ser circunstancial, servindo mais os intentos traquinas dos pequenos do que a dessacralização de uma figura entretanto transformada em função.

Comparando o ambiente, as tropelias, os castigos e os argumentos de Tom Sawyer e dos amigos com os do Menino Nicolau, por exemplo, a diferença é evidente. Por outro lado, perde-se um sentido mais crítico para se esgotar cada situação em episódios mais inocentes.



Há igualmente um património literário que considera o professor num sentido distinto do de *As Aventuras de Tom Sawyer* e de tantas outras obras que lhe foram contemporâneas, lhe sucederam e continuam a suceder. A ideia do mestre não enquanto alguém intangível mas, ao contrário, como mentor, referência e amigo é outra das linhas que se encontram nas histórias da escola.

*Mathilda*, um livro absolutamente transgressor, de um autor único, Roald Dahl, é um exemplo dessa outra relação que se estabelece entre professor e aluno. Neste caso, a cumplicidade que se estabelece entre ambas deriva diretamente de dois pontos de contacto: a inteligência de ambas e o desrespeito que sofriam diariamente por figuras familiares que as tutelavam. É uma batalha contra a opressão ganha pela lucidez, pela sensibilidade e pela capacidade de pensar. A menina Honey, a professora, descobre em *Mathilda* todas as suas qualidades intelectuais, que os outros não conseguem ver por incapacidade e despeito.

Esse dom de ler o aluno e conseguir abrir-lhe portas para que se motive e encontre o seu caminho, deveria ser característica de todos os professores. Em *O Ponto* (Bruaá), Peter Reynolds cria uma situação exatamente assim, em que é a resposta da professora perante uma folha em branco, por desenhar, que despoleta a criatividade bloqueada da aluna, que se nega, inicialmente, a tentar contrariar essa dificuldade. Ao ver a folha vazia, a professora de desenho começa por identificar, surpreendentemente, «um urso polar no meio de uma tempestade de neve», e ao argumento típico da aluna de que

não sabe desenhar, propõe-lhe que registre uma marca no papel. Assim nasce um insignificante ponto, feito com a displicência comum à frustração e ao tédio. Ao contrário do que seria de esperar, a ação da menina é reforçada pela moldura que envolve esse ponto, pendurada na parede da sala de aula, na semana seguinte. Vera começa a desenhar pontos e, no seu momento de glória, a história repete-se. Agora alteram-se os papéis e é ela quem põe em prática a estratégia da professora, com outro menino.

## Estar ou não estar



tualmente, em muitas narrativas, a sala de aula já não é sinónimo de um lugar terrífico e apenas aquele onde eventualmente não se quer estar. Não são poucas as vezes em que num livro juvenil aparecem referências ao tédio que a personagem mais nova sente, a sua total indiferença pelo que está a ser ministrado e um desejo quase incontável de sair. Uma das imagens mais recorrentes nestas descrições é a do aluno que se abstrai do que se passa olhando pela janela. Em sagas e coleções de ação, a aula é um espaço e um tempo que oprime a investigação, que obriga a

## histórias da escola

estar. É também ali que o narrador expande hipóteses, se acomete de dúvidas ou tenta organizar dados soltos numa lógica lacunar. Em suma, o tempo da sala de aula é um tempo de pausa narrativa, um recurso usado para orientar o leitor no acompanhamento dos acontecimentos e que em simultâneo o remete para a sua própria experiência. Ao longo da história da escola, será com toda a certeza muito difícil, se não impossível, encontrar alguém que nunca tenha sentido vontade de estar do lado de fora da porta. Basta percorrer alguns livros da coleção «Uma Aventura» (Caminho), ou mais recentemente «Ulysses Moore» (Presença), para não falar de volumes independentes, como os livros de Alice Vieira, para ali identificar expressões similares a «a aula durou uma eternidade», «parecia que não tinha fim», etc, etc, etc...

**P**ensar na escola enquanto ambiente social remete-nos para outro paradigma clássico: Enid Blyton e as duas coleções de idílicos colégios internos. «As Gêmeas» e o «Colégio das Quatro Torres» apresentavam lugares mágicos, com edifícios imensos e jardins infinitos, onde a liberdade e o desejo de explorar se conjugavam com a elegância muito *british* que também tinha o seu *je ne sais quoi* de exótico. As regras, os uniformes, os desportos, tudo soava a privilégio, e o nervoso de enfrentar um mundo novo acomodava-se confortavelmente num espaço recôndito



## histórias da escola

do estômago para apenas provocar aquele frémito mais próximo da adrenalina do que da resistência.

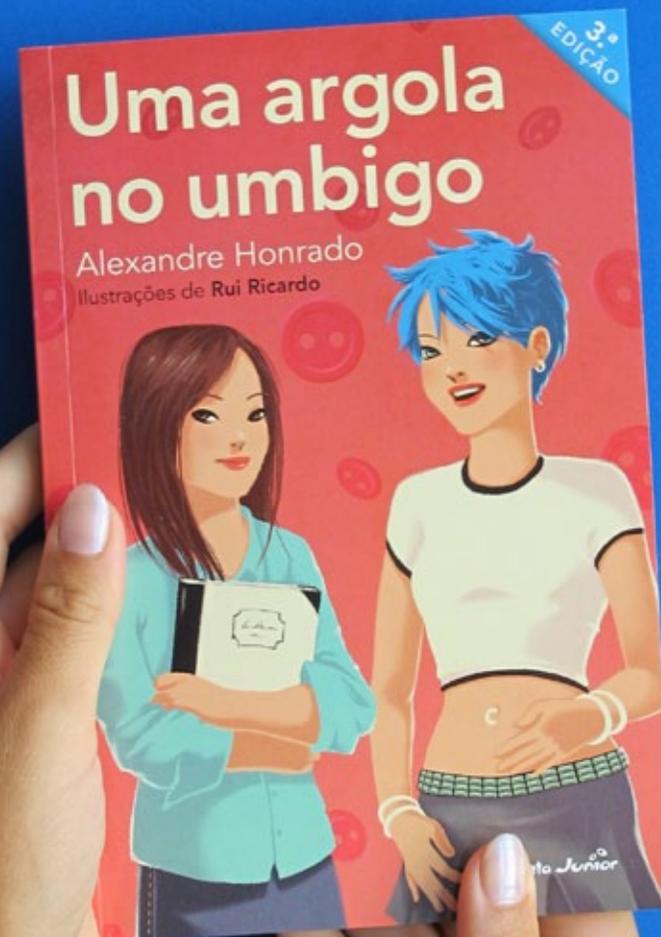
Era o local perfeito para se desenrolarem todos os conflitos éticos, afetivos e identitários das adolescentes que frequentavam o colégio e que os livros acompanhavam ao longo de quatro anos, da ingenuidade à maturidade digna das finalistas, não apenas do colégio como desse crescimento, que se supunha acabar aí. A escola era o símbolo da evolução, o seu garante, pelas experiências que proporcionava entre pares e com as preceptoras.

A

verdade é que a fórmula ainda funciona, se pensarmos no colégio de Hoggart, onde acompanhamos a saga de Harry Potter. Apesar de não se tratar já de uma narrativa tão modelar, a verdade é que também aqui encontramos o poder dos mestres, os rituais e as regras protocolares da escola,

e algumas brechas por onde escapam os alunos em busca do risco, da aventura e da própria liberdade, que é conhecer e agir por si.

Também em «Cherub» (Porto Editora), a coleção *best-seller* de Robert Muchamore, a academia secreta onde se forma a classe juvenil do MI5 é um espaço aliciante, onde apesar da inevitável rigidez das regras, as personagens encontram estratégias para contornar certas



limitações às suas vontades. Entrar em áreas reservadas e até retirar equipamento às escondidas pode ser viável, desde que a argúcia dos mais novos funcione. E funciona sempre, como se espera, e os leitores que vivenciam aquelas aventuras através da leitura, desejam.

**N** outro registo completamente diferente, *A Malta do 2º C* (Caminho), de Catarina da Fonseca segue uma linha em que a escola não é um lugar especial *tout court* mas sim uma geografia reconhecível para qualquer leitor português contemporâneo do livro. Aqui são os alunos quem fazem daquele espaço aparentemente indiferenciado, com professores, horários, matérias, intervalos, bares, pátios e salas de ciências, o seu lugar especial, como aliás acontece com os alunos que gostam de andar na escola. À imagem de um diário social, este livro acompanha, como outros do mesmo género, uma turma do atual 6º ano (em 1988 com a designação de 2º ano) ao longo de todo o ano letivo. Nesse tempo o grupo conhece-se, estabelecem-se códigos, alcunhas, e empatias que permitem a cumplicidade típica dentro e fora das salas de aula e que provocam, inevitavelmente, dores de cabeça a professores e funcionários. Há referências às famílias e a histórias biográficas, mas sempre com o eixo narrativo centrado na escola, que é por excelência o lugar onde

os adolescentes passam mais tempo e onde mais se autonomizam.

Apesar de não se eleger a escola como centro, há muitas outras novelas em que o registo se aproxima deste. Em *Uma argola no umbigo*, de Alexandre Honrado (recentemente reeditado pela Planeta), discorrem-se várias linhas de diálogos cómicos entre alunos e professores, pejados de comentários paralelos dos mais novos, que ajuízam momentos de pânico quando se veem obrigados a mostrar conhecimento em idas ao quadro e situações afins. Projetos, trabalhos de grupo e visitas de estudo são igualmente comuns.

Célebre para mais do que uma geração, *O Diário Secreto de Adrian Mole* (Sue Townsend, Presença) inclui uma descrição surreal de uma visita de estudo ao Museu Britânico, que começa com vários alunos a vomitar antes de saírem da escola e acaba com um acidente que envolve pneus queimados na autoestrada. Apesar da excentricidade do adolescente protagonista, a verdade é que alguns dos episódios que envolvem a escola, como este, fazem inveja a qualquer leitor que daria tudo para assistir a tal espetáculo.

O riso provocado pela descrição do primeiro dia de aulas em *O Diário de Um Banana* (Jeff Kenney, Vogais) não decorre do exagero dos acontecimentos e sim da retórica do discurso do protagonista. Greg explica cuidadosamente uma estratégia elaborada para a melhor ocupação de um lugar na sala, com o objetivo de não se destacar nem tão pouco de comprometer, pelos maus vizinhos, a sua paz letiva. Inevitavelmente, o leitor reconhece vários argumentos como válidos, pela sua própria experiência.

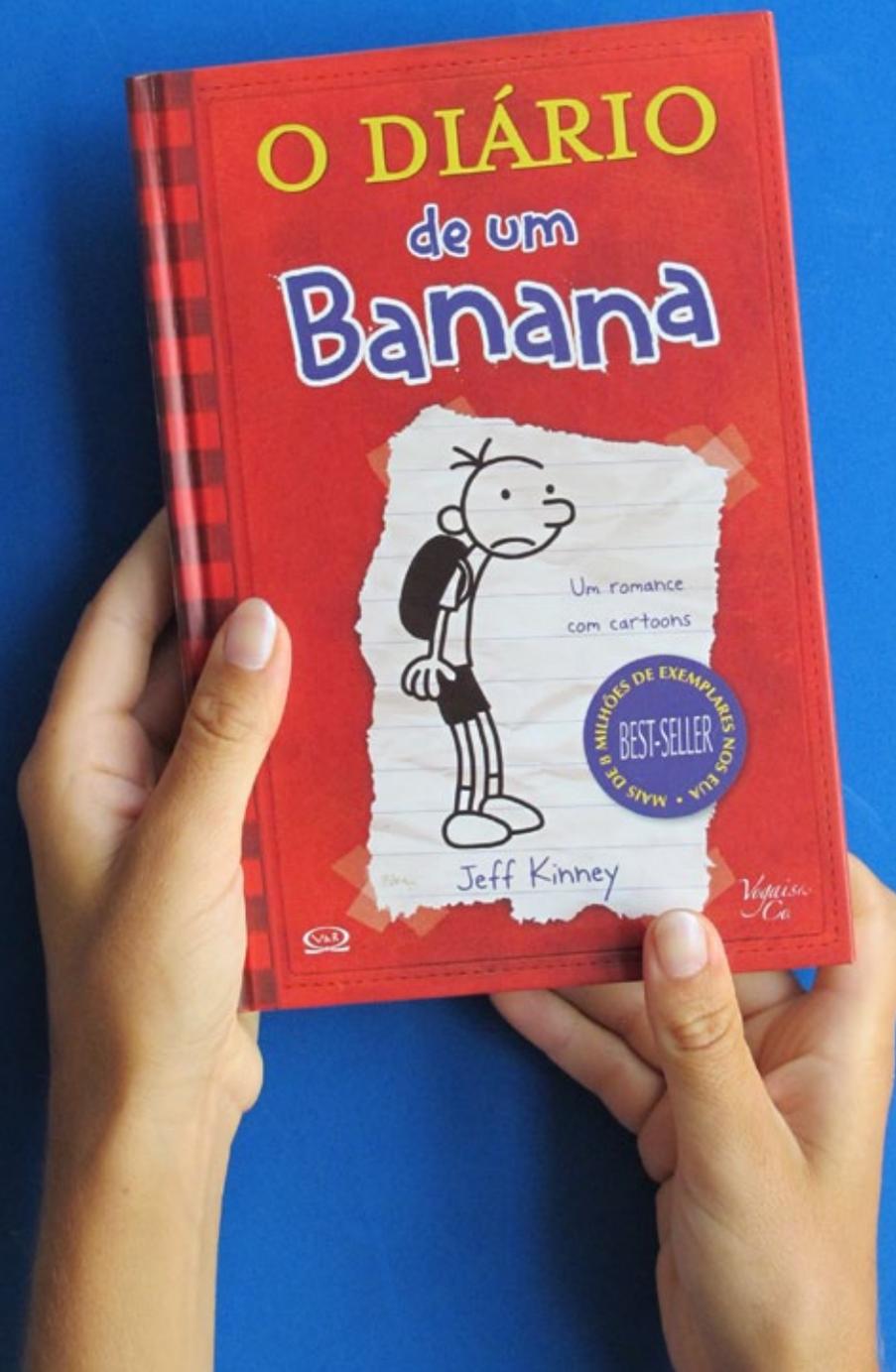
## histórias da escola

A função social da escola consta normalmente de livros que tendem para a descrição da realidade, acompanhando um ou mais protagonistas na sua experiência de crescimento. Visa criar expectativas e acompanhar as emoções e os aspetos que os adolescentes em regra valorizam. Corresponde, nesse sentido, tal como acontece com o modelo rígido e distante do séc. XIX e que ainda se prolonga no séc. XX, a uma representação sociológica quer das funções de cada elemento, quer do comportamento adolescente, e ainda das suas relações com a comunidade.

### o lado negro

**S**e a escola é por excelência um local de contacto entre muitas pessoas, é também um espaço que tende à normalização. Nesse sentido, a escola pode ser o pior e mais odiado dos lugares do mundo, quando o aluno não só não se identifica com os outros como ainda se sente ostracizado, incompreendido, discriminado.

Tudo se pode resumir a uma composição que não corresponde a parâmetros temáticos estabelecidos, ou que defende uma perspetiva surpreendente. Mas o conflito ultrapassa a mera tensão momentânea. Mina, uma menina que está a recuperar emocionalmente da morte do pai, vivencia uma experiência revoltante na escola, por ninguém conseguir alcançar a poética do seu discurso e do seu



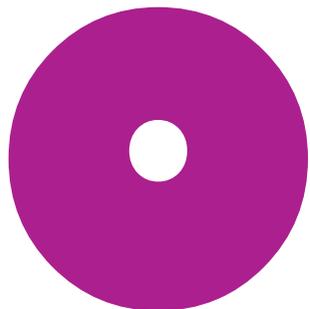
imaginário. O primeiro episódio que relata tem a ver com uma composição que escreveu, esforçando-se por cumprir as regras. Depois de elaborar um plano, conforme a professora tinha indicado, Mina escreve uma história diferente porque, como refere, «(...) a história não parava quieta, não obedecia. As palavras dançavam como moscas. Saíam disparatadas em direções estranhas, belas, e levaram a minha história por um caminho muito inesperado.» A reação da professora constrange e humilha a menina, denotando ignorância e preconceito. Daí até ao afastamento de Mina da escola o processo é rápido. A mãe assume a responsabilidade pelo acompanhamento da filha até ao final do ano, mas isso não evita que a criança passe, num breve período, por outra experiência de exclusão, numa escola específica para alunos inadaptados. David Almond regista, numa organização temática e retórica magistral, a violência e estupidez de um mundo que não alcança a sensibilidade de pessoas que não se vergam nem entendem a normatização. Esta obra de exceção vai muito além de outras na análise e composição das personagens, levando ao extremo o drama da exclusão, que supera questões sociais muitas vezes abordadas noutros livros juvenis, como a aparência física, o racismo, a pobreza, ou o consumo de álcool e drogas. Não são estes assuntos de menor importância, e Ana Saldanha aborda alguns deles com profundidade, como acontece em *Cinco Tempos, Quatro Intervalos* (Caminho). Todavia, em muitas narrativas, também a própria discriminação acaba por ser abordada de um ponto de vista estereotipado e superficial, contrariando a complexidade real das relações e emoções humanas.

### Ler contra uma única escola



s leituras cruzam-se, e não se estancam as tendências. Pode, por exemplo, comparar-se *Mathilda* com *O Meu Nome é Mina*, e ambos com *O Diário Secreto de Adrian Mole*. E nova linha se estabelece. Importante é ultrapassar a sugestão simplista: um livro que fale da escola porque a criança vai começar as aulas. É bem mais do que isso, com variações e níveis de complexidade que remontam, no mínimo, à civilização clássica grega. Mas suspeitamos que, se alargarmos o nosso ângulo de observação à Pérsia e à China, haverá ainda mais para contar. O que as histórias da escola têm de fascinante é que ali tudo se pode reunir: todas as latitudes, todos os tempos, tudo o que é verosímil e tudo o que é fantástico. Mais do que um recetáculo espacial, a escola é uma representação em devir do que é ser humano e existir. Quem existe, conta histórias. Para começar com esperança, leia-se uma história comovente, que guarda um tesouro imenso: *Letras nos Atacadores*, de Cristina Falcón Maldonado e Marina Marcolin (Kalandraka).

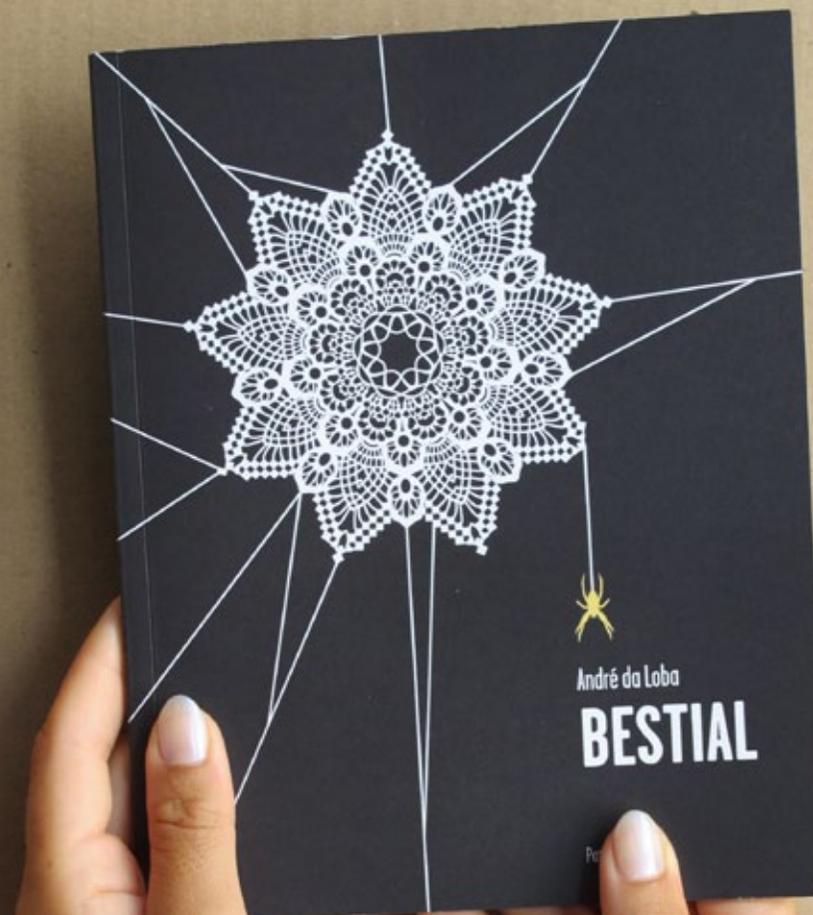
## Da figura à figuração: dois livros sem texto



s dois livros que aqui se apresentam e que a Pato Lógico lançou recentemente acrescentam mais uns passos na história recente da edição de livros sem texto em Portugal. Com linguagens estéticas e intenções claramente distintas, estes dois volumes de capa mole e dimensões perto do A5 recuperam linhas possíveis, de entre tantas, para os discursos visuais: o inventário e a narrativa.

André da Loba oferece ao leitor um bestiário *Bestial*, mantendo-se fiel ao sentido histriónico das suas composições. Não há monstros e sim animais subjugados, condicionados, ampliados ou limitados a conotações simbólicas de cariz social, morfológico, etnográfico, que a imagética do autor recupera. Da associação óbvia do cavalo à peça de xadrez, a do obtuso cão que acolhe um rio no lombo, da aranha que tece um naperon em renda ao cavalo-marinho que tem uma harpa na cauda, ainda há lugar para o urso polar a derreter, para a casa rectangular do caracol ou para os cumes cobertos de neve das bossas do camelo. Para cada animal, uma página dupla e um jogo de cor único que lhe conferem uma identidade singular e nova. À imagem da obra do ilustrador, os tons são fortes e os contrastes servem para delimitar formas e funções.

A leitura deste livro, aparentemente imediata, reproduz o processo de significação do discurso simbólico, e da literatura em particular, aquele em que o signo e o significado distam processos metafóricos em que os referentes ora ocupam lugares visíveis, ora se escondem em teias que é preciso desenlaçar.



Tudo começa no título – *Bestial* – que abre uma linha de leitura para logo a pôr em causa, assim que se começa a conhecer cada figura. *Bestial*, que remete para besta, remete igualmente para um sentido de alegria, de prazer, do lúdico. Neste inventário de figurações espera-se um efeito de espanto e de humor.

Marta Monteiro, por seu turno, joga com a ideia da sombra para criar uma narrativa do quotidiano. Acompanha um homem, desde que acorda, de manhã, até que se deita à noite. Neste dia comum, que se adivinha idêntico a tantos outros, o leitor acompanha o protagonista no metro para o local de trabalho, o momento em que troca de roupa no vestiário e assume a sua função de guarda de um parque onde dá indicações aos transeuntes, verifica se tudo está bem, organiza o trânsito, observa os outros... Depois o regresso, o caminhar nas ruas da cidade, e o descanso em casa, em frente à televisão. A fechar, o momento de dormir. Tudo parece dentro dessa normalidade repetitiva a que se chama, comumente, rotina. Mas as sombras tornam esta linearidade muito pouco linear. É certo que tudo isto acontece, tal qual o descrevemos, e a paleta de cores que compõe cada personagem assim o atesta. Mas as sombras ganham outras formas, outra vida, que por vezes, como no metro, reproduz os desejos das pessoas que viajam naquela carruagem, ou como, logo no início, quando o guarda se levanta da cama e o seu corpo, sombreado, ainda dorme. Acontece porém que as sombras não se limitam a refletir imagens no chão ou a representar o interior de cada um. Marta Monteiro leva o jogo mais longe e as sombras contam outras histórias, como a do ladrão no parque, ou a do grafiteiro que o guarda imagina a partir do grafite na parede da cidade. A página dupla da sala de estar, em que



**Bestial**  
André da Loba  
Pato Lógico

**Sombras**  
Marta Monteiro  
Pato Lógico

à esquerda encontramos, sentado com o comando na mão, o protagonista, e à direita um conjunto de pessoas/ sombras que dançam, perante a sua expressão de espanto, é enigmática porque se rompe o código do monocromatismo da sombra.

O onírico marca uma forte presença, constituindo um diálogo narrativo entre o mundo material e o das sombras, o que esbate as fronteiras entre ambos. Acontece por exemplo no parque, quando um homem pesca e um menino brinca com um barco num lago que mais não é que a sombra desse homem, ou quando o varredor levanta a sombra para varrer por baixo dela. O detalhe do astronauta que lê no metro, tanto quanto a selva que se instala no quarto do guarda no momento de dormir, são igualmente paradigmáticos deste desvio da norma. Apesar de não arriscar muito em novas situações e recuperar imagens e um tema clássico (a sombra de Andersen, por exemplo), Marta Monteiro usa esses *topoi* com equilíbrio e coerência. O traço e a perspetiva elegem planos que sugerem movimento, pelo que o leitor lê o livro quase como se se tratasse de uma animação. Também a mudança, a cada página dupla, de cenário, ajuda a este *travelling* em jeito de diário. *Sombras* joga com diversos elementos que se conjugam numa narrativa transfiguradora.

Depois de Bernardo Carvalho, que tem apostado em mais do que uma abordagem narrativa e estética em livros só de imagens, depois de *Todos Fazemos Tudo*, de Madalena Matoso, e depois de álbuns editados em Portugal como *A Onda*, *Migrando*, *O Livro Vermelho* ou *O Papagaio do Senhor Hullot*, estes dois livros contribuem significativamente para a leitura cada vez mais plural e rica da imagem e do discurso visual enquanto discurso narrativo de qualidade.

# Portugueses na

# 3x3

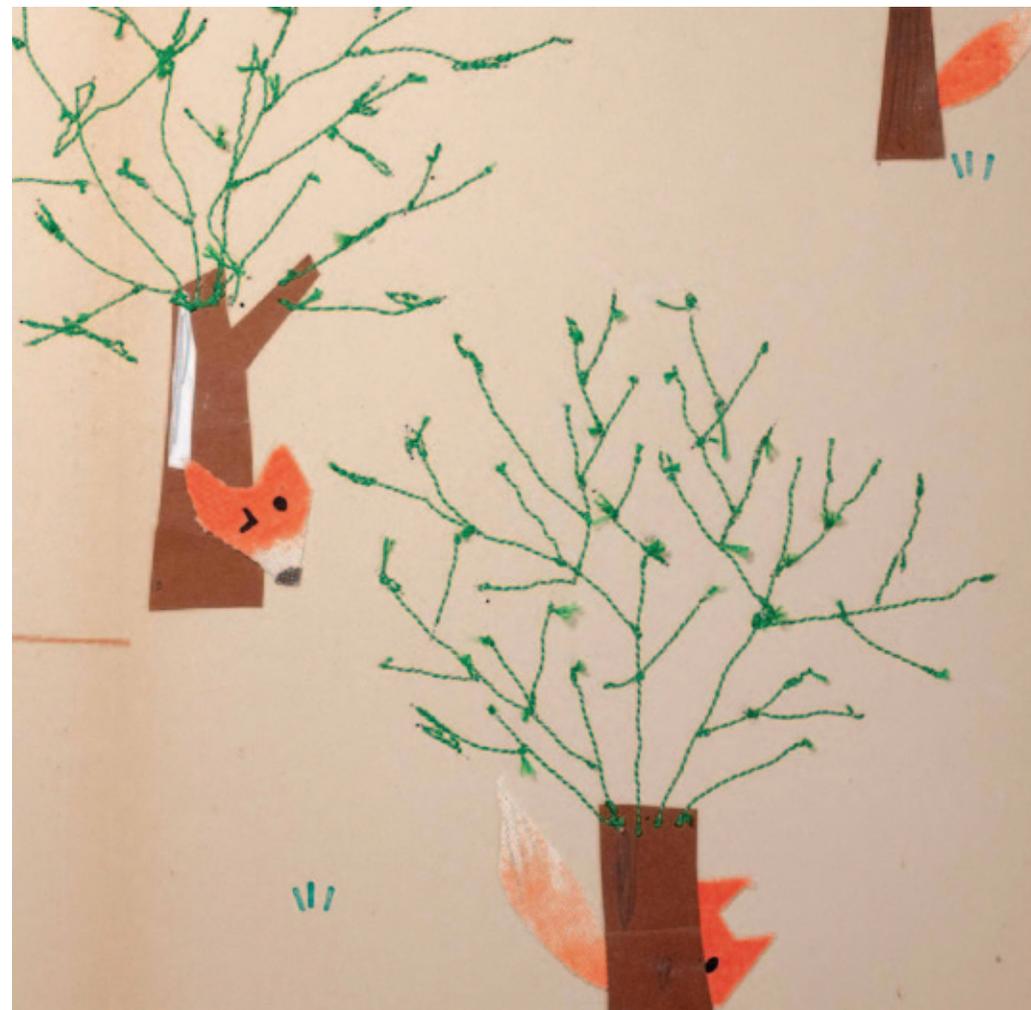
## magazine de ilustração

Já são conhecidas as ilustrações distinguidas na área do Picture Book e do Professional Show, da revista norte-americana 3x3. Depois de Marta Madureira ter arrecadado a principal medalha – best of show – no ano passado, esta edição atribuiu o galardão à israelita Doron Sohari, pelas suas ilustrações para um livro infantil ainda não publicado. A Tereza Cortez e a João Vaz de Carvalho couberam medalhas de mérito. Ambos os ilustradores concorreram com obras já publicadas. Em março de 2014 sairá em papel o anuário que integrará os trabalhos de todos os vencedores e que

**3x3**  
PICTURE BOOK  
**MERIT**  
JOÃO VAZ DE  
CARVALHO



será distribuído não apenas nos EUA mas também no Canadá, na Europa e em alguns centros na Ásia. Este concurso vai já na sua 10.<sup>a</sup> edição e ombreia com outro, também organizado pela mesma revista – Professional Show – dedicado à ilustração editorial, de cartune, banda-desenhada, publicidade, animação, têxteis... Aqui, André Carrilho mereceu uma medalha de ouro na área do cartune/bd e André da Loba na de animação. Nesta espécie de olimpíada João Fazenda recebeu uma medalha de bronze na secção de livros e uma de mérito na de ilustração editorial. Carrilho ainda acumulou mérito na animação, cartune/bd, conceito editorial e retrato editorial. Um cartaz e um trabalho não publicado valeram, respetivamente, o mérito a Catarina Sobral e Gémeo Luís. Como o objetivo da revista é o de divulgar as tendências da ilustração contemporânea, o concurso é aberto a qualquer trabalho, e a sua qualificação depende exclusivamente da avaliação de um júri internacional. Os autores que tenham integrado a lista de vencedores em alguma das edições e que tenham um site podem ainda constar do diretório da revista, que se assume também como centro de pesquisa.



**3x3**  
COMICS/  
CARTOONS  
**OURO**  
ANDRÉ  
CARRILHO



**3x3**  
ANIMATION  
**OURO**  
ANDRÉ  
DA LOBA



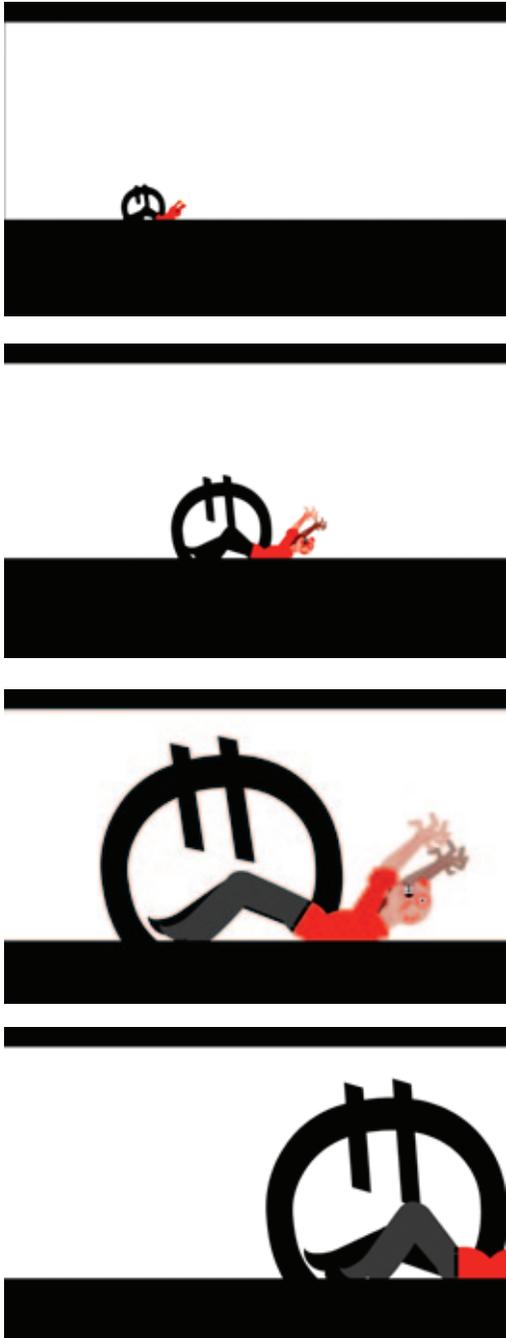
**3x3**  
LIVROS  
**BRONZE**  
JOÃO  
FAZENDA



**3x3**  
EDITORIAL-  
CONCEPTUAL  
**MERIT**  
JOÃO  
FAZENDA



**3x3**  
ANIMATION  
MERIT  
ANDRÉ  
GARRILHO



**3x3**  
EDITORIAL  
PORTRAITS  
MERIT  
ANDRÉ  
GARRILHO



**3x3**  
EDITORIAL-  
CONCEPTUAL  
**MERIT**  
ANDRÉ  
CARRILHO



**3x3**  
COMICS!  
CARTOON  
**MERIT**  
ANDRÉ  
CARRILHO



**3x3**  
UNPUBLISHED  
**MERIT**  
GÉMEO LUÍS



**3x3**  
POSTERS  
**MERIT**  
CATARINA  
SOBRAL



## Como e porquê ler em voz alta

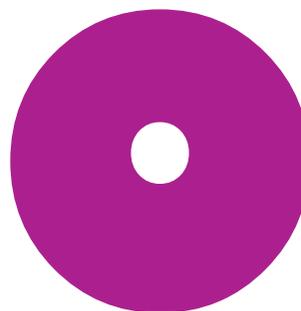
**A** *viva voz* é a terceira publicação editada pelas Bibliotecas Escolares/CRA (Centro de Recursos para el Aprendizaje) do Ministério da Educação do Chile. Depois de *Ver para Leer* (dedicado ao álbum) e de *Leamos Juntos* (sobre a função da família na formação leitora) surge agora *A viva Voz*, que se dedica à leitura em voz alta. Destinada a mediadores (educadores, animadores e famílias), este volume conta com reflexões de diversos especialistas e excertos traduzidos de obras tão relevantes como *Reading Environment*, do inglês Aidan Chambers. Cecília Beauchat, por exemplo, tece diversas considerações metodológicas sobre o ato de ler em voz alta, tendo em consideração todos os agentes envolvidos e definindo muito bem os seus papéis e objetivos a atingir. De forma clara, alerta para o contexto da leitura, para a importância da conversa e reflexão, assim como para a moderação da expressividade de quem lê. Felipe Munita e Enrique Riquelme, por seu turno, refletem sobre a componente da educação emocional na leitura em voz alta.

Para além da componente teórica que analisa a relevância desta prática desde a primeira infância e insiste na sua continuidade ao longo da escolaridade e da vida, o volume inclui um capítulo com sugestões de livros, de acordo com balizas etárias.

A leitura é gratuita, podendo ser operacionalizada através do issuu ou descarregando o pdf na página do CRA. Esta instituição desempenha funções muito semelhantes à da portuguesa Rede de Bibliotecas Escolares, tendo como principais objetivos dotar as escolas com recursos de leitura e ajudar as equipas locais a dinamizarem a sua utilização pelas comunidades.

➔ **A viva voz**

## Congresso do IFLA: a defesa do serviço público



O congresso anual do IFLA teve este ano lugar em Singapura, entre 17 e 23 de agosto. Subordinado ao tema «Future Libraries, Infinite Possibilities», o congresso acolheu centenas de posters, que os delegados podiam observar, e diversas Comunicações. Logo no início dos trabalhos, dedicou-se um dia ao *ebook* e à sua utilização nas bibliotecas. Houve ainda momentos de cariz mais geocultural, com Parag Khana a escarpelizar o conceito de *hibrid age*, que considera ser uma confluência da época da informação, da era industrial e de todas as outras que as precederam. Com um teor assumidamente político e polémico, o escritor e académico de Singapura, Cherian George, centrou a sua comunicação na manipulação da informação pelos órgãos de comunicação de massas, contrapondo a esta perigosa situação o papel formativo e honesto das bibliotecas.

Ao longo do congresso reiterou-se o valor social das bibliotecas nas várias sociedades e comunidades mundiais, como lugares únicos de justiça e acesso livre ao património essencial da formação individual, quer social, quer profissional, quer cultural.

A súmula da programação do congresso pode ser consultada numa página criada para o efeito e em blogues em todo o mundo.

António Calixto e Luísa Alvim apresentaram um estudo sobre a relação, em Portugal, entre a crise do estado social, as redes sociais e o papel que as bibliotecas poderão assumir, numa época de desinvestimento público. A sua comunicação pode ser lida na íntegra no site IFLA Library, um repositório de estudos, apresentações, reflexões e informações sobre bibliotecas.

➔ **IFLA**

➔ **IFLA facebook**

## Ilustrarte: inscrições até outubro

**A** Bienal de Ilustração para a Infância, Ilustrarte, regressa a Lisboa em janeiro de 2014 e o concurso para a participação de ilustradores já está aberto. A organização aceitará para o efeito todas as ilustrações que chegarem à Fundação EDP até dia 31 de outubro. O regulamento é idêntico ao das edições anteriores: os participantes deverão enviar três ilustrações originais, inéditas ou publicadas em livro até janeiro de 2011. As ilustrações digitais terão de ser impressas com qualidade. Aberta a todas as geografias, a Ilustrarte assume-se como referência na promoção de autores estrangeiros e portugueses, desconhecidos e consagrados, tendo recebido 1600 participantes de mais de 60 países na edição de 2012. Para integrar a mostra, as obras serão avaliadas por um júri internacional composto por elementos da área da ilustração, edição, design e direção de arte que escolherá os 50 melhores grupos de três ilustrações.

Este ano, o ilustrador vencedor receberá um prémio monetário no valor de 5000 euros, que será entregue no dia da inauguração da Bienal. Esta ficará patente ao público de janeiro a abril de 2014. Nas cinco edições anteriores foram distinguidos Valério Vidali, Isabelle Vandenabeele, Susanne Janssen, João Vaz de Carvalho e Frédérique Bertrand.

➔ Ilustrarte



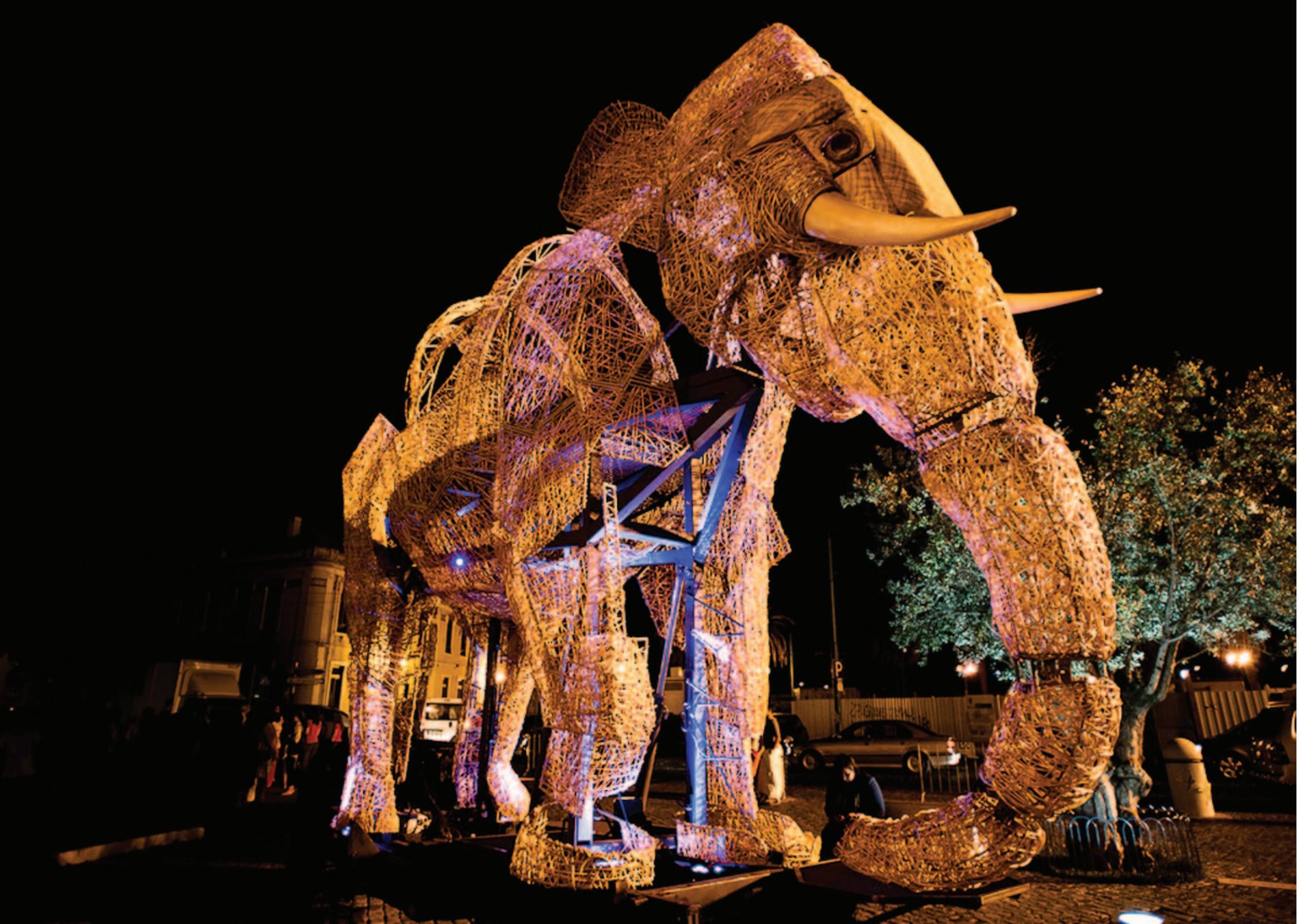
saramaguiana

Salo

maen

isboa

Iniciada em julho, na *Saramaguiana* publica-se a terceira parte do texto de José Saramago sobre Lisboa, retirado de *Viagem a Portugal*. E porque de Lisboa falamos, destaca-se a passagem do elefante Salomão pela cidade, na magistral viagem em que é acompanhado pelo Trigo Limpo Teatro Acert. Depois de ter percorrido o interior do país, *A Viagem do Elefante* termina a temporada de 2013 em Madrid. Para o ano continuará o seu percurso, porque como escreveu José Saramago, «Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam».







UM ESPETÁCULO TEATRAL DE RUA  
DO TRIGO LIMPO TEATRO ACERT  
A PARTIR DO CONTO HOMÓNIMO  
DE JOSÉ SARAMAGO, COM A CO-  
PRODUÇÃO MUSICAL DE FLOR  
DE JARA, EM PARCERIA, COM  
A FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO,  
INSERIDO NO LISBOA NA RUA - EGEAC

14-15 SET  
LISBOA NA RUA

TRIGO LIMPO

FLOR DE JARA

Fundação José Saramago

LISBOA









**Ricardo Viel**

# **Crónica da passagem de um elefante por Lisboa rumo a Madrid**

**Fotografias de Miguel Valle de Figueiredo e Ricardo Chaves**

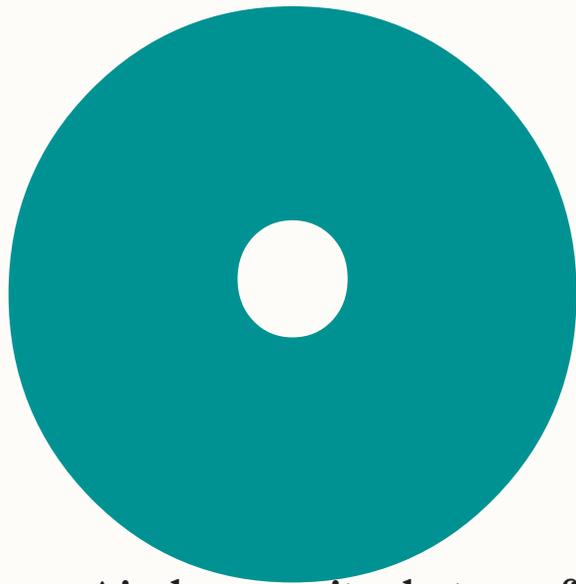
**P**assava das três da tarde quando duas carrinhas estacionaram em frente à Casa dos Bicos, ao lado do Tejo, na capital portuguesa. Vinham do Norte e traziam consigo um elefante. Não um qualquer elefante, traziam Salomão. Dois dias antes, no domingo, a companhia de teatro Trigo Limpo fizera uma apresentação em Tondela, a cidade sede do grupo e local onde durante dois meses ensaiaram para encenar *A Viagem do Elefante*, uma adaptação do conto homónimo de José Saramago. A estreia fora em Figueira do Castelo Rodrigo, no dia 29 de junho, e Lisboa era a décima e última cidade da digressão por Portugal.

Naquela terça-feira, 10 de setembro, antes de desembarcar na Praça do Município, local do espetáculo, o grupo fez uma paragem diante da Fundação José Saramago. Acostumados ao procedimento, os membros da equipa técnica da companhia, com a ajuda dos atores, demoraram menos de uma hora para dar vida a Salomão. Montaram a estrutura de vime, encaixaram as patas, as orelhas, os dentes, e o animal foi ganhando forma em cima da carrinha. Quando por fim a tromba foi colocada, já dezenas de curiosos haviam tirado fotos do «animal» de quase seis metros de altura. E quem pedia para tocá-lo escutava um «claro que sim» como resposta.

Iluminado e estrategicamente estacionado ao lado da oliveira que faz sombra às cinzas de Saramago, Salomão recebeu os mais de 60 voluntários que se tinham inscrito como figurantes na apresentação em Lisboa – em cada

## **Crónica da passagem de um elefante por Lisboa rumo a Madrid**

cidade por onde o espetáculo é apresentado há a participação de moradores locais. No auditório da Fundação José Saramago os voluntários receberam as boas-vindas. «Montarmos este espetáculo num momento como o que atravessamos foi um ato de resistência. Não queríamos pensar pequeno, e aqui estamos hoje. Este espetáculo não é nada sem vocês», disse José Rui, diretor artístico da companhia. Em seguida, Pilar del Río, a presidenta da Fundação Saramago, deixou a sua mensagem: «Tenho a certeza que desta vossa participação em Lisboa ficará uma lembrança para contar aos amigos, aos filhos e netos: eu estive lá».



grupo de voluntários era heterogéneo em idade, profissão e experiência teatral. O brasileiro Rafael de Moraes, 31, por exemplo, já tinha longa experiência em teatro. «Faço um mestrado nessa área e interesse-me pelo teatro comunitário, foi por isso que me inscrevi, porque queria conhecer o método de trabalho deles». Havia os que se inscreveram para atuar como voluntários por serem leitores e admiradores de Saramago; os que não tinham lido nenhuma obra do escritor, mas que conheciam o trabalho da companhia de teatro; havia quem tivesse sido levado pelos amigos, e aqueles que entraram no projeto motivados pelo interesse pelo escritor e pelo teatro.

Ainda na noite da terça-feira, em frente à Casa dos Bicos, os figurantes foram divididos em grupos de acordo com a disponibilidade de tempo para ensaiar e personagens que iriam representar, e realizaram exercícios de aquecimento. «O objetivo destes exercícios que fazemos é o de os deixar mais relaxados, fazer com que percam o medo do ridículo, e se conheçam», contou Ilda Teixeira, uma das atrizes do grupo encarregadas de treinar os voluntários.

## Crónica da passagem de um elefante por Lisboa rumo a Madrid

Os exercícios de aquecimento, que se repetiriam nos dias seguintes, pareciam apenas brincadeiras, mas tinham a função de fazer os voluntários perceberem o corpo, conhecerem melhor o espaço onde iriam atuar e sentirem-se mais cómodos em cena. «Eles chegam aqui desconfiados, inseguros, mas pouco a pouco vão se soltando», explicou João Silva, que faz o papel do comandante das tropas portuguesas. O método da Trigo Limpo para integrar rapidamente os figurantes no espetáculo é dar-lhes as coordenadas, ensinar-lhes posturas e marcações das cenas, mas ao mesmo tempo dar-lhes liberdade para atuar, deixando-os assim menos preocupados. «O importante é que nos divirtamos, que isto não seja uma coisa chata», dizia Ilda Teixeira aos figurantes.

**N**a quarta e na quinta-feira os grupos de voluntários ensaiaram em separado, e na sexta fizeram o primeiro (e único) ensaio geral. Foi só naquele momento que os participantes de Lisboa conheceram as falas dos outros atores, a música que acompanha o espetáculo e puderam ter uma ideia da totalidade da obra. Outros detalhes, como o figurino, a queima de fogos de artifício e a especial participação de Saramago dizendo um pequeno trecho do livro, só seriam conhecidos pelos voluntários na hora do espetáculo.

No sábado, com a Praça do Município cheia, *A Viagem do Elefante* foi representada. Durante uma hora e meia, o público assistiu ao Salomão a sair de Lisboa, passar por Espanha e Itália, fazer milagres pelo caminho, até chegar a Viena e, por fim, morrer; conheceram um sábio e singelo cornaca; dançaram com Luis Pastor, o autor das músicas do espetáculo; divertiram-se com os soldados austríacos, e comoveram-se com o desespero da rainha portuguesa ao saber da morte do elefante. Não houve qualquer contratempo. Quem via a encenação e não sabia dos pormenores não era capaz de imaginar que

## Crónica da passagem de um elefante por Lisboa rumo a Madrid

entre os atores ali presentes a grande maioria era amadora, e que havia mesmo os que naquela noite faziam sua estreia. Tudo correu como desejado.

Terminada a obra, e ainda com os rostos pintados, os atores comemoravam o sucesso da jornada. «Gostei tanto de fazer isto», dizia, emocionada, uma voluntária abraçada a um dos diretores da companhia.

No domingo, novamente com a praça cheia, José Rui alertava para o perigo do excesso de confiança após o sucesso da noite anterior. «Espero que não nos prejudique». E não prejudicou. Tudo correu como no dia anterior.

Por volta das 23h30 do domingo, dia 15, soaram os últimos acordes de Luis Pastor e da sua banda. *A Viagem do Elefante* por Lisboa havia terminado, só restava aplaudir.

**N**o camarim improvisado próximo da praça, os voluntários trocavam números de telefone e endereços eletrónicos, combinavam reencontros, e celebravam com uma cerveja o fim daquele projeto. «Na última mudança de roupa, pensei: mas isto já está a acabar, que pena», contava um dos «cavaleiros» portugueses aos seus colegas. Já havia no ar uma sensação de saudade antecipada. Por onde passa o Salomão é assim, contou o ator João Silva e recordou-se de que numa segunda-feira do mês de agosto, enquanto desmontavam o animal para levá-lo a outra cidade, o grupo foi surpreendido por uma senhora que se aproximou e lhes disse: «Ah, mas já vão levar embora o nosso Salomão?»

Por Lisboa também houve quem se queixasse da partida do elefante. Foi a Madrid, para contar aos espanhóis a viagem épica que no século XVI empreendeu e que, graças à genialidade de José Saramago e ao talento da companhia Trigo Limpo, tantos séculos depois, continua a ser contada e recontada.

**José Saramago**

# **Dizem que é coisa boa (III)**

**Fotografias de Miguel Valle de Figueiredo e Ricardo Chaves**



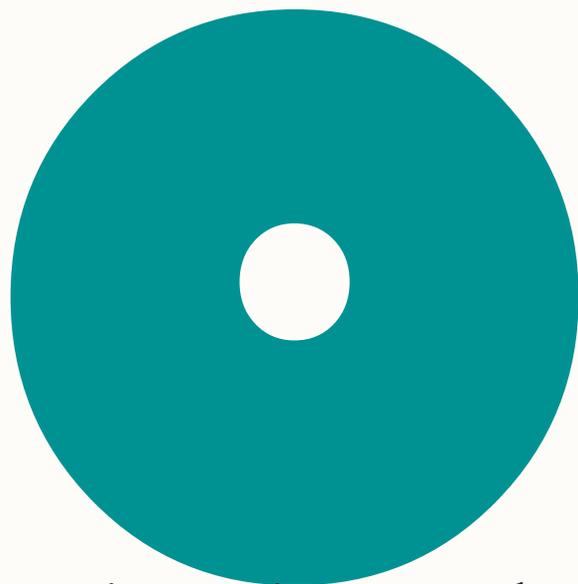
os claustros e em salas que para eles dão, está o Museu do Azulejo. Ao viajante vêm dizer que as peças mostradas são parte ínfima do que se encontra armazenado à espera de espaço e dinheiro. Mesmo assim, este museu é um precioso lugar, aonde o viajante lastima que não venham, ou se vêm não lhes aproveita, aqueles que orientam o gosto de decorar. Há um trabalho a fazer em relação ao azulejo, não de reabilitação, que de tal não precisa ele, mas de entendimento. De entendimento português, acrescente-se. Porque, em verdade, depois de ter sido desprezado durante grande parte deste século, o azulejo regressou em força ao revestimento exterior dos prédios. Para geral desgraça, acrescente-se outra vez.

Quem esses azulejos desenha, não sabe o que são azulejos. E, pelos vistos, quem de responsabilidades didáticas se exorna e argumenta não o sabe também.

O viajante torna sobre os seus passos, encontra no caminho outro chafariz, denominado de El-Rei, cujo não se sabe quem possa ter sido, porque no reinado de D. Afonso II lhe fizeram obras e no de D. João V lhe puseram as nove bicas que hoje tem secas. O mais provável é ter o nome resultado do furor consagratório do *Magnânimo*. Não resta muito mais da antiga cidade por estas bandas: está aqui a Casa dos Bicos, modesta prima afastada do Palácio dos Diamantes de Ferrara, e além o pórtico da Igreja da Conceição Velha, manuelino belíssimo que o terremoto não derrubou.

## Dizem que é coisa boa

Ao longo das arcadas do Terreiro do Paço, pensa o viajante como seria fácil animar estas galerias, organizando em dias certos da semana ou do mês pequenas feiras de venda e troca de selos, por exemplo, ou de moedas, ou exposições de pintura e desenho, ou instalando balcões de floristas, não faltariam outras e melhores ideias, puxando pela cabeça. Talvez, aos poucos, viesse a ser possível povoar este deserto que nem sequer tem dunas de areia para oferecer. Os reconstrutores de Lisboa deixaram-nos esta praça. Ou já sabiam que íamos precisar dela para lhe meter automóveis, ou confiaram ingenuamente na nossa imaginação. Que, como qualquer pessoa pode verificar, é nula. Talvez porque o automóvel veio precisamente ocupar o lugar que à imaginação competia.



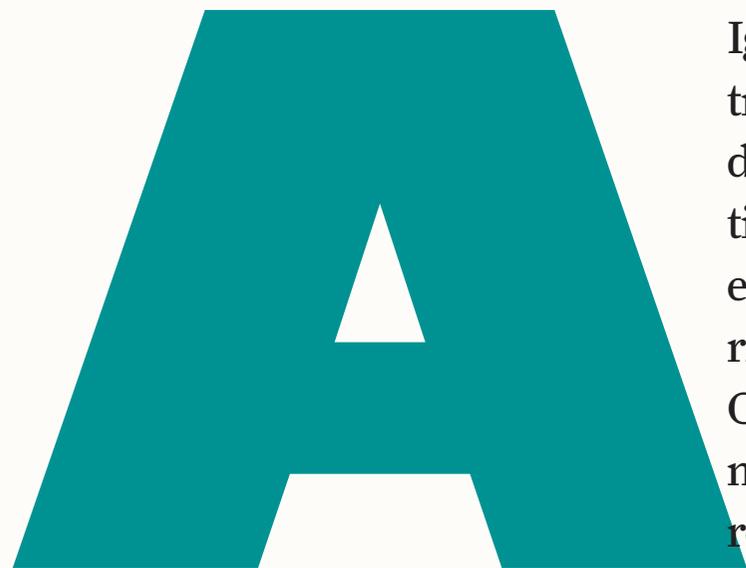
viajante ouviu dizer que há, a meio desta calçada, um museu dito de Arte Contemporânea. Como homem de boa-fé, acreditou no que ouviu, mas, sendo muito respeitador da verdade objectiva, declara que não acredita no que os seus olhos vêem. Não que ao museu falte mérito, e em alguns casos grande, mas a prometida contemporaneidade foi-o, no geral, de outros antigos contemporâneos, não do viajante, que não é tão velho assim. São óptimos os Columbanos, e se outros nomes não se apontam, não é por menosprezo, mas para obliquamente significar que, ou este museu toma caminho de saber o que quer, ou responderá pelo agravamento de algumas confusões estéticas nacionais. Não se refere o viajante

a críticos e artistas em geral, que esses obviamente não duvidam do que sabem e são, mas ao público que entra desamparado e sai perdido.

Para descansar e recompor-se do museu, o viajante foi ao Bairro Alto. Quem não tem mais que fazer alimenta rivalidades populares entre este bairro e Alfama. É tempo perdido. Mesmo pecando pelo exagero que sempre

## Dizem que é coisa boa

contêm as afirmações peremptórias, o viajante dirá que são radicalmente diferentes os dois. Não é o caso de sugerir que é melhor este ou aquele, supondo que viria a concluir-se que significa ser melhor em comparações destas; é sim que Alfama e Bairro Alto são antípodas um do outro, no jeito, na linguagem, no modo de passar na rua ou estar à janela, numa certa altivez que em Alfama há e que o Bairro Alto trocou por desaforo. Com perdão de quem lá viva e de desaforado nada tiver.



Igreja de São Roque fica perto. Pela cara, não se daria muito por ela. Dentro é um salão sumptuoso onde, na modesta opinião do viajante, há-de ser difícil falar a um deus de pobreza. Veja-se ali a Capela de São João Baptista que o infalível D. João V encomendou em Itália. É uma jóia de jaspe e bronze, de mosaico e mármore, o que há de menos próprio para o furibundo precursor que pregava no deserto, comia gafanhotos e baptizou Cristo com água corrente do rio. Mas, enfim, os tempos passam, os gostos mudam, e D. João V tinha muito dinheiro para gastar, como se conclui da resposta que deu quando lhe foram dizer que um carrilhão para Mafra custava a astronómica quantia de quatrocentos mil réis: «Não julgava que era tão barato; quero dois.» É a Igreja de São Roque um lugar onde se poderá encontrar protector para todas as circunstâncias: pródiga em relíquias, tem as efigies de quase toda a corte celestial nos dois aparatosos relicários que ladeiam a capela-mor. Mas os santos não fitam com olho benevolente o viajante. Talvez no tempo deles estes dizeres fossem tomados como here-sias. Muito enganados estão: hoje são maneiras de procurar entender.

Lisboa nunca gostou de ruínas. Ou as emenda com pedras novas, ou as arrasa de vez para construir prédios

## Dizem que é coisa boa

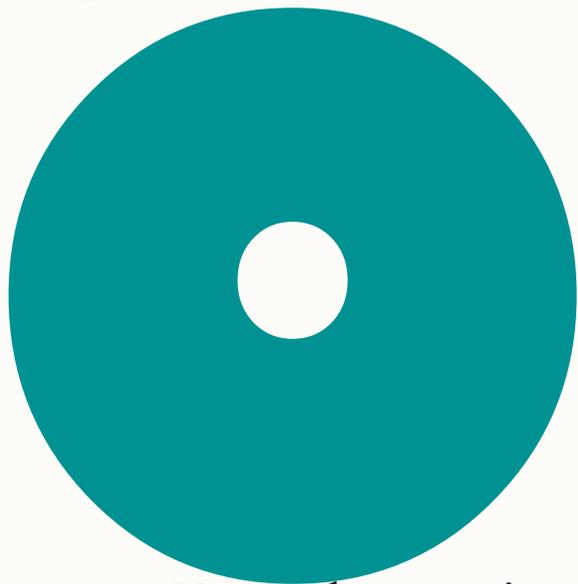
de rendimento. O Carmo é uma exceção. A igreja, no essencial, está como o terramoto a deixou. Algumas vezes se falou de restaurar e reconstruir. A rainha D. Maria I foi a que mais se adiantou em obra nova, mas, ou porque faltasse o dinheiro, ou porque esmorecesse a vontade, em pouco ficaram os acrescentos. Melhor assim. Mas a igreja, já dedicada por Nuno Álvares Pereira a Nossa Senhora do Vencimento, já passara ou veio a passar por misérias várias depois do terramoto: primeiramente cemitério, depois vazadouro público de lixo e por fim cavalaria da Guarda Municipal. Mesmo tendo sido cavaleiro Nuno Álvares, hão-de ter-lhe estremecido os ossos ao ouvir no além os relinchos e as patadas das bestas. Sem contar com outros desacatos da necessidade.

**E**nfim, hoje as ruínas são museu arqueológico. Não particularmente rico de abundância, sim em valor histórico e artístico. O viajante admira a pilastra visigótica e o túmulo renascentista de Rui de Meneses, e outras peças de que não irá fazer menção. É um museu que dá gosto por muitas razões, a que o viajante acrescenta outra que muito preza: vê-se a obra trabalhada, o sinal das mãos. Há quem pense como ele, e isso dá-lhe o grande prazer de sentir-se acompanhado: em duas gravuras de 1745, feitas por Guilherme Debrie, vê-se, numa delas, a frontaria do convento, e na outra um alçado lateral, e se em ambas aparece Nuno Álvares Pereira de conversa paçã ou edificante com fidalgos e frades, também lá está o canteiro talhando a pedra, tendo à vista régua e esquadro, que com isso é que os conventos se punham de pé.

Está o viajante a chegar a termo da sua volta por Lisboa. Viu muito, viu quase nada. Quis ver bem, terá visto mal. Este é o risco permanente de qualquer viagem. Sobe a Avenida da Liberdade, que tem um lindo nome, bom para

## Dizem que é coisa boa

conservar e defender, rodeia o gigantesco plinto que suporta o marquês de Pombal e o leão simbolizador de poder e força, embora não faltem espíritos maliciosos que insinuam demonstrar-se ali um número de domaçaõ da fera popular, rendida aos pés do homem forte e rugindo a mandado. O viajante acha agradável o Parque Eduardo VII (aqui está um topónimo que, sem escândalo da Grã-Bretanha, bem podia ser substituído por referência mais chegada ao nosso coração), mas vê-o como o Terreiro do Paço, plaino abandonado que um vento quente escalda. Vai ao Museu Calouste Gulbenkian, que é, sem dúvida, exemplo de museologia ao serviço duma colecção não especializada, que, por isso mesmo, permite uma visão documentada, em nível superior, da evolução da história da arte.



viajante sairá de Lisboa pela ponte do Tejo. Vai para o Sul. Vê os altos pilares, os arcos gigantes do Aqueduto das Águas Livres sobre a ribeira de Alcântara, e pensa como têm sido longas e penosas as sedes de Lisboa. Da sede de água a curaram Cláudio Gorgel do Amaral, procurador da cidade, que foi o da iniciativa, e os arquitectos Manuel da Maia e Custódio José Vieira. Provavelmente para acatar o gosto italiano de D. João V, foi primeiro director da obra, ainda que por pouco tempo, António Canevari. Porém, em verdade, quem construiu as Águas Livres, e com o seu dinheiro as pagou, foi o povo de Lisboa. Assim o reconhecia a lápide escrita em latim, então colocada no arco da Rua das Amoreiras, e que deste modo

rezava: «No ano de 1748, reinando o piedoso, feliz e magnânimo rei D. João V, o Senado e povo de Lisboa, à custa do mesmo povo e com grande satisfação dele, introduziu na cidade as Águas Livres desejadas por espaço de dois séculos, e isto por meio de aturado trabalho de vinte anos a arrasar e perfurar outeiros na extensão de nove mil passos.» Era o mínimo que se podia dizer, e nem o orgulhoso D. João V ousou sonegar a verdade.

## Dizem que é coisa boa

**P**orém, apenas vinte e cinco anos depois, por ordem do marquês de Pombal, foi mandada picar a lápide «em termo que mais se não conheça a existência das ditas inscrições». E no lugar da verdade foi autoritariamente posto o engano, o logro, o roubo do esforço popular. A nova lápide, que o marquês aprovou, falsificava assim a história: «Regulando D. João V, o melhor dos reis, o bem público de Portugal, foram introduzidas na cidade, por aquedutos solidíssimos que hão-de durar eternamente, e que formam um giro de nove mil passos, águas salubérrimas, fazendo-se esta obra com tolerável despesa pública e sincero aplauso de todos. Ano de 1748.» Falsificou-se tudo, até a data. O viajante está convencido de que foi o peso desta lápide que fez cair Sebastião José de Carvalho e Melo no inferno.

**In *Viagem a Portugal*, 22.ª edição, 2006, Editorial Caminho-Leya, Lisboa, pp. 287-305**























# Qué buenas estrellas estarán cubriendo los cielos de Lanzarote?

José Saramago, *Cuadernos de Lanzarote*

## A Casa José Saramago

Abierto de lunes a sábado de 10,00 a 14,00 h.

Última visita a las 13,30 h.

(Open from monday to saturday, from 10 to 14 h.  
Last entrance at 13.30 h.)

Tías-Lanzarote – Islas Canarias (Canary Islands)

[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)



**Mia Couto lê “Levantado do Chão” de José Saramago**



**ATÉ  
29 SET**  
**OS NEGÓCIOS  
DO SENHOR  
JÚLIO CÉSAR**

Texto de Bertold Brecht adaptado por Rui Pina Coelho e encenado por Gonçalo Amorim. Porto, Teatro Nacional de São João.

⇒ **Brecht**



**ATÉ  
30 SET**  
**PANORAMA.  
LA NOVELA  
GRÁFICA ES-  
PAÑOLA HOY Y  
SUS AUTORES**

Exposição que acompanha o lançamento da antologia Panorama, das edições Astiberri, dedicada à banda desenhada espanhola contemporânea. Madrid, Fnac Callao.

⇒ **Panorama**



**ATÉ  
5 OUT**  
**4.º ANIVERSÁRIO DA CASA DA ACHADA**

A Casa da Achada - Centro Mário Dionísio celebra os seus quatro anos de actividade com uma programação que inclui um leilão de obras de arte, música, cinema, livros e debates. Lisboa, Casa da Achada.

⇒ **Achada**



**ATÉ  
6 OUT**  
**JOSÉ GURVICH.  
CRUZANDO  
FRONTERAS**

Exposição que acompanha o trabalho plástico de José Gurvich a partir dos anos 60 até ao fim da sua vida, em 1974. Buenos Aires, Museo de Arte Moderno.

⇒ **Gurvich**



**ATÉ  
10 OUT**  
**OLHARES  
SOBRE A  
LIVRARIA**

Exposição de fotografias de vários autores, comissariada por José Teófilo Duarte, com olhares sobre a Culsete, histórica livraria setubalense que celebra este ano quatro décadas de actividade. Setúbal, Casa da Cultura

⇒ **Culsete**



## 14-17 OUT CONSTRUÇÃO Y RECUPERACIÓN DE LA MEMORIA HISTÓRICA

Congresso interdisciplinar sobre o golpe militar que derrubou o governo de Salvador Allende, no Chile, há 40 anos. Santiago do Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades.

⇒ Allende



## 18 OUT JOVEN ORQUESTA NACIONAL DE ESPAÑA

A Joven Orquesta Nacional de España abre as Jornadas de Música Contemporánea 2013 de Compostela, com obras de Mahler, Bernando Buíde e Hindemith. Santiago de Compostela, Teatro Principal.

⇒ Orquesta



## ATÉ 20 OUT HISTORIAS DE OFRENDAS MUISCAS

Exposição sobre a arte dos antigos muiscas, povo que habitou a actual Colômbia na era pré-hispânica, e sobre as suas oferendas aos deuses sob a forma de pequenas figuras de metal. Bogotá, Museo del Oro.

⇒ Muiscas



## ATÉ 27 OUT CARTAZES DE PROPAGANDA CHINESA A ARTE AO SERVIÇO DA POLÍTICA

Mostra que reúne cerca de uma centena de cartazes produzidos na China entre 1959 e 1981, documento histórico essencial para compreender a Revolução Cultural e os seus mecanismos. Lisboa, Museu do Oriente.

⇒ Propaganda



## ATÉ 12 JAN ANDANÇAS CATALÀ-ROCA, OBRAS MAESTRAS

Exposição retrospectiva do trabalho de Francesc Català-Roca, nome fundamental da fotografia documental em Espanha. Madrid, Circulo de Bellas Artes.

⇒ Andanças

Autorretrato



*Diretor*

**Sérgio Machado Letria**

*Edição e redação*

**Andreia Brítes**

**Sara Figueiredo Costa**

*Design e paginação*

**Jorge Silva/Silvadesigners**

**FUNDAÇÃO**

**JOSÉ SARAMAGO**

**Casa dos Bicos**

**Rua dos Bacalhoeiros, 10**

**1100-135 Lisboa – Portugal**

**blimunda@josesaramago.org**

**<http://www.josesaramago.org>**

**N.º registo na ERC 126 238**

Os textos assinados  
são da responsabilidade  
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação  
podem ser reproduzidos  
ao abrigo da Licença  
Creative Commons

